



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

MORGANA NILDA DOS SANTOS SOARES

**NUNCA É TARDE PARA APRENDER: VIVÊNCIAS E INTERAÇÕES
TECNOLÓGICAS DOS IDOSOS NO CONTEXTO DA UAMA/UEPB**

CAMPINA GRANDE – PB

2014

MORGANA NILDA DOS SANTOS SOARES

**NUNCA É TARDE PARA APRENDER: VIVÊNCIAS E INTERAÇÕES
TECNOLÓGICAS DOS IDOSOS NO CONTEXTO DA UAMA/UEPB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como parte dos requisitos à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.
Linha de Pesquisa: Mídia e Estudos Culturais

Orientadora: Profa. Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S676n Soares, Morgana Nilda dos Santos
Nunca é tarde para aprender [manuscrito] : vivências e interações tecnológicas dos idosos no contexto da UAMA/UEPB / Morgana Nilda dos Santos Soares. - 2014.
100 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento, Departamento de Comunicação Social".

1. UAMA/UEPB. 2. Aprendizagem. 3. TICs. 4. Relatos de Experiências. I. Título.

21. ed. CDD 305.26

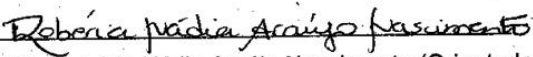
MORGANA NILDA DOS SANTOS SOARES

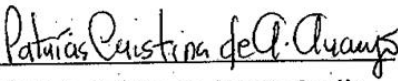
**NUNCA É TARDE PARA APRENDER: VIVÊNCIAS E INTERAÇÕES
TECNOLÓGICAS DOS IDOSOS NO CONTEXTO DA UAMA/UEPB**

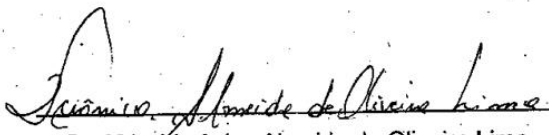
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como parte dos requisitos à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.
Linha de Pesquisa: Mídia e Estudos Culturais

Aprovada em: 24 de novembro de 2014

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Robéria Nádia Araújo Nascimento (Orientador)
Doutora em Educação
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Patrícia Cristina de Aragão Araújo
Doutora em Educação
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Verônica Almeida de Oliveira Lima
Mestre em Sociologia
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos idosos ativos, que independentemente de suas fragilidades decorrentes da idade, decidiram provar ao mundo que é possível aprender em qualquer estágio da vida, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A **DEUS**, o autor e consumidor da minha fé, que me fortaleceu a acreditar que um dia eu estaria concluindo o curso que sempre almejei. Sou grata a Deus por todos os benefícios que me tem feito ao longo de toda a minha vida. A Ele seja a honra, a glória e todo o louvor, para sempre, amém! Eu te amo DEUS!

Aos meus pais **João** e **Josefa Nilda**, que sempre me ensinaram a confiar primeiramente em DEUS, que tem o poder de realizar o impossível e que sempre me apoiaram e me incentivaram a estudar e crescer profissionalmente, e nunca desistir dos meus objetivos por mais difíceis que sejam eles. Obrigada meus pais!

Ao meu irmão **Marcondes Davi** que sempre quando podia me ajudava em algum detalhe dos meus obstáculos durante a graduação. Valeu mano!

Ao meu querido esposo **Valmir Soares**, que sempre me apoiou e tem me apoiado nessa trajetória da minha graduação, e principalmente pela paciência de entender minhas ausências na minha busca por objetivos do meu crescimento profissional. Agradeço de coração por entender e reconhecer meus esforços e por me incentivar a continuar no percurso acadêmico sempre. Eu te amo!

Em especial e com muito apreço agradeço à minha orientadora **Dr. Robéria Nádia Nascimento**, pela sua incessante paciência e empenho comigo, neste percurso do trabalho monográfico. Pela mediação condutora deste trabalho que não é fácil, mas que através do seu ensino promissor, sua crítica construtiva, sua correção em tempo e fora de tempo, suas instruções para o caminho correto, seu cuidado, empenho e apreço me ajudaram a concluí-lo. Parabéns por sua excelente capacidade de conduzir um ensino com qualidade aos que lhe cercam, e por ser este ser humano, tão maravilhoso, contagiante e acolhedor. Foi um prazer imensurável desfrutar de sua companhia professora. Obrigada!

Às minhas queridas entrevistadas **Maria Egito Fernandes, Aurea Veloso da Fonsêca, Edneusa Assis Barros, Josenilda Lourenço da Silva e Elza Maria Ribeiro Colaço**, que me cederam um pouco do seu tempo para enriquecer minha pesquisa com experiências valiosas de uma vida pautada pela motivação e perseverança no ensino-aprendizagem vivenciados a partir da inserção na UAMA, e que demonstraram que não há idade para aprender, e sim empenho e coragem para realizar tal objetivo, e ser um exemplo para muitos.

À banca examinadora composta por minha orientadora **Prof. Dr. Robéria Nádia**, juntamente com a **Prof. Dr. Patrícia Cristina** e a **Prof. Me. Verônica Lima**, que com grande empenho se dedicaram a avaliar este trabalho e se dispuseram a conceder um pouco de seu tempo para tal ação. Obrigada a todas!

Aos amigos e amigas **graduandos da turma 2010.2 – noturno**, que juntamente comigo enfrentaram ao longo de quase cinco anos os obstáculos e vitórias da vida acadêmica. A vocês agradeço pelo acolhimento que me deram e pela companhia agradável de todos. Em especial agradeço, aos amigos e irmãos que juntamente comigo formaram o grupo “*Fala que eu te escuto*: **Antônio Carlos, Gabriela Raposo e Gleydice Belchior**” e que juntos sempre buscamos aprender e desenvolver todas as atividades solicitadas com muita harmonia e união. Enfim, sucesso para a melhor turma: 2010.2 – noturno.

“Uma pessoa permanece jovem na medida em que ainda é capaz de aprender,
adquirir novos hábitos e tolerar contradições”.

Marie Von Ebner-Eschenbach

RESUMO

Esta pesquisa, de cunho interdisciplinar, focalizou a relação entre comunicação e educação, objetivando conhecer e analisar a interação dos idosos com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), à luz da concepção de aprendizagem. O espaço privilegiado para observação empírica foi a Universidade Aberta à Maturidade (UAMA/UEPB), tomando como referência entrevistas em profundidade realizadas com cinco estudantes da instituição, no período de setembro a outubro de 2014. A literatura estudada e os relatos dos idosos indicam que a educação permanente, proposta por instituições desse gênero, amplia as possibilidades de diferentes saberes e possibilita que os idosos desenvolvam novas habilidades, favorecendo a convivência, a inclusão social, à medida que contribui para o envelhecimento ativo e o bem estar cognitivo. Assim, a busca pelo conhecimento na universidade permite ainda aproximação com os artefatos tecnológicos da sociedade contemporânea, contribuindo para a acessibilidade e interação com novos meios de aprendizagem.

Palavras-Chave: UAMA/UEPB; Aprendizagem; Idosos; TICs; Relatos de Experiências.

ABSTRACT

This research, of interdisciplinary nature, focused on the relationship between communication and education, aiming at understanding and analyzing the interaction of the elderly with the Information and Communication Technologies (TICs), in the light of the conception of learning. The privileged space for empirical observation was the Universidade Aberta à Maturidade (UAMA / UEPB), taking as reference in-depth interviews conducted with five students of the institution, from September to October of 2014. The study literature and the elderly reports indicate that the lifelong learning, proposed by institutions of this kind, expands the possibilities of different knowledge and allows the elderly to develop new skills, promoting coexistence, social inclusion, as it contributes to active aging and cognitive well-being. Thus, the search for knowledge in the university also allows the approaching with technological artifacts of contemporary society, contributing to the accessibility and interaction with new learning environments.

Key-words: UAMA/UEPB; Learning; Senior Citizens; TICs; Experiences reports.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Porcentagem da população idosa.....	15
Imagem 2 – Capacidade funcional durante a vida.....	35
Imagem 3 – Universidade Aberta à Maturidade (UAMA/UEPB).....	39
Imagem 4 – Aprendizagem ao longo da vida	55
Imagem 5 – Crescente acesso à Internet por idosos.....	57
Imagem 6 – Consumo de celulares por idosos.....	59
Imagem 7 – Livro de Poemas de Dona Maria Egito.....	66
Imagem 8 – Livro de Poemas de Dona Maria Egito.....	66
Imagem 9 – Dona Maria Egito, lendo uma de suas composições.....	67
Imagem 10 – Dona Aurea Veloso.....	68
Imagem 11 – Dona Edneuza Assis.....	70
Imagem 12 – Dona Josenilda Lourenço.....	73

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1 - A longevidade com qualidade de vida: perspectivas dos idosos no contexto social.....	14
Capítulo 2 – A UAMA: uma proposta interdisciplinar e sócio-inclusiva na UEPB.....	38
2.1 – O conceito de aprendizagem e sua relação com as TICs.....	40
Capítulo 3 – Experiências e descobertas dos idosos na UAMA.....	62
Considerações Finais.....	80
Referências – Bibliográficas.....	84
- Eletrônicas.....	87
Apêndices.....	94

INTRODUÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na modalidade de Monografia, buscou desenvolver um estudo de caso sobre os alunos da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA) que é vinculada a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A proposta de pesquisa enfatizou a interação dos idosos com as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), ao mesmo tempo em que procurou conhecer as estratégias de aprendizagem desse público no ambiente acadêmico.

Sabendo que o mundo contemporâneo está repleto de novas tecnologias, e que estas ao serem lançadas no mercado, possuem durabilidade curta, é possível considerar que esta rapidez de inovações tecnológicas será pouco atrativa para os idosos, considerando a sua pouca agilidade na apropriação desses meios, sobretudo por serem pessoas formadas analogicamente e, por isso, mais resistentes as novidades desse gênero.

Segundo Kachar (2010):

A geração mais nova tem intimidade e atração pelos artefatos tecnológicos, assimila facilmente as mudanças, pois já convive desde tenra idade, explorando os brinquedos eletrônicos e/ou brincando com o celular dos pais. Porém, a geração adulta e mais velha, de origem anterior à disseminação do universo digital e da internet, não consegue acolher e extrair tranquilamente os benefícios dessas evoluções na mesma presteza de assimilação dos jovens (KACHAR, 2010, p. 135).

Assim, a assimilação dos idosos se dá em um processo mais lento de apreciação, apropriação e entendimento dessas ferramentas. Como afirma Souza et al., 2009:1 citado por Kachar (2010): "Dificuldade em atividades que exijam flexibilidade e velocidade mental durante o processamento de informações pode ser comumente observada durante o envelhecimento". Para que estas dificuldades sejam trabalhadas, como forma de ativar a dinâmica tanto corporal, quanto mental, é preciso que estes idosos estejam inseridos em um convívio social educador e integrador, possibilitando-lhes um envelhecimento bem-sucedido. Esta proposta se realiza através da educação permanente oferecida pelas Universidades Aberta à Maturidade. Como afirma Cachioni (2012): "os benefícios das atividades para os idosos [...] vão além da melhoria de capacidades cognitivas, pois afetam outros aspectos, tais como o bem-estar e a saúde" (CACHIONI, 2012, p.26).

A maior parte dos idosos, ao chegarem à fase avançada do envelhecimento prefere ficar sentados em suas cadeiras de balanço, observando o tempo passar e aguardando o dia do pagamento de suas aposentadorias. Alguns sucumbem à depressão e ao isolamento. Segundo Leão e Eulálio (2011) "A aposentadoria pode significar, para muitos, um abandono do meio social e certa passividade frente à vida, ocasionando prejuízo à saúde mental e física. Constitui-se ainda como um fator de risco para o declínio cognitivo e a demência" (LEÃO E EULÁLIO, 2011, p. 202). Porém, há os que decidem permear novos horizontes, através da experiência em Universidades Abertas à Maturidade, e passam a ser chamados de idosos ativos.

Para Jantsch *et al.*, (2012) " Do ponto de vista do relacionamento social, a população idosa sofre um processo crescente de isolamento social na medida em que se desliga do trabalho ou pela emancipação dos filhos" (JANTSCH *et al.*, 2012, p. 174).

A UAMA busca recolocar os idosos numa sociedade de compartilhamento ao desenvolver suas habilidades com o uso das tecnologias, fazendo com que seus integrantes (pertencentes à instituição) estimulem suas funções mentais e físicas, frente o mundo contemporâneo, que não para enquanto os seres humanos envelhecem. A instituição passou a funcionar desde o ano de 2009, e seu objetivo é de ampliar as oportunidades para a aquisição do conhecimento e socialização dos idosos, e possibilitar a estes a participação em aulas de formação aberta à terceira idade. Em síntese, visa defender a ideia de que é possível aprender em qualquer estágio da vida, ainda que a sociedade pense, motivada pelo preconceito, de que o tempo da velhice representa o fim da vida e das oportunidades.

Tomando como base nesses pressupostos, questionamos: Como se dá a interação dos estudantes idosos da UAMA com as TICs? Qual o papel que as TICs exercem nos seus processos de aprendizagem e socialização?

Além do objetivo geral de analisar a interação dos idosos com as TICs na formação da UAMA, elegemos os seguintes objetivos específicos: conhecer a metodologia da UAMA e seus fundamentos de atuação; selecionar estudantes da Terceira Idade para avaliar seu processo de aprendizagem; observar quais tecnologias de comunicação são utilizadas por esses estudantes e traçar um perfil desses idosos, a partir do universo selecionado para estudo, considerando suas vivências e experiências relatadas.

O tema desta pesquisa surgiu pelo interesse de compreender e ressaltar interação dos idosos com as novas TICs, sabendo que estes instrumentos permeiam a sociedade com intensa rapidez e que os idosos estão adentrando numa era comunicacional desconhecida na sua fase de juventude. Assim, o processo atual de aprendizagem mostra transformações que podem gerar dificuldades para essas pessoas na sua formação, o que nos impulsionou a descobrir esse contexto.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que identificou a interação destes idosos dentro do contexto em que estão inseridos – UAMA, a partir de um estudo de caso. Conforme Duarte (2005), “trata-se de um verdadeiro plano de ação composto por um conjunto inicial de questões a serem respondidas e um conjunto de conclusões a serem obtidas sobre essas mesmas questões” (DUARTE, 2005, p. 223).

A pesquisa contou com entrevista a cinco idosas que são estudantes da UAMA (vinculada a UEPB), para avaliar a opção por uma Universidade da Terceira Idade; a relação com a tecnologia no processo de formação; o acesso aos meios de comunicação durante o curso, entre outros. Com a coleta de informações, foi possível realizar análise de narrativas, na tentativa de interpretação dos resultados com o auxílio da literatura pesquisada.

A entrevista em profundidade representa uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (DUARTE, 2005, p. 64). A metodologia considera a “intensidade nas respostas” e não a sua “quantidade estatística”, uma vez que permite a interação com os pesquisados, deixando-os livres para opinar e fundamentar suas respostas. Nesse sentido, foram colocadas “perguntas” que permitiram “explorar o assunto” em profundidade, excluindo-se do processo de interlocução “uma visão objetiva” do assunto em debate, conforme argumenta o autor.

A tipologia da entrevista, cujo roteiro está disponibilizado nos apêndices deste trabalho, seguiu a seguinte ordem: “Pesquisa qualitativa; Questões semi-estruturadas; Entrevista semi-aberta; Modelo com roteiro; Abordagem em profundidade; e Respostas indeterminadas”, com fins de favorecer o diálogo com as entrevistadas (DUARTE, 2005, p.65). Foram entrevistadas cinco alunas da UAMA, que assinaram o termo de autorização de identificação e imagem, conforme determina os parâmetros de uma pesquisa científica e para garantir a credibilidade

das informações coletadas. Cópias desses termos estão anexadas nos apêndices, bem como os registros fotográficos. Tais procedimentos tiveram a intenção de possibilitar a compreensão do contexto em análise.

Assim, o trabalho foi organizado em três capítulos.

No primeiro abordamos as configurações do público idoso e suas expectativas, apresentando a velhice como um estágio de vida produtivo para aqueles que buscam alternativas de socialização e interação.

No segundo capítulo apresentamos a UAMA e suas especificidades, discutindo o conceito de aprendizagem e sua relação com as TICs.

No terceiro capítulo apresentamos as vivências dos idosos na UAMA, na tentativa de nos aproximar de suas particularidades e expectativas.

Capítulo 1

A longevidade com qualidade de vida: perspectivas dos idosos no contexto social

Nos últimos anos o mundo passou por transformações significativas que alteraram as condições sociais e econômicas da vida humana. O Brasil, incluído neste contexto, adquiriu novas características de progresso em diversos âmbitos que favoreceram desenvolvimento para os seus habitantes. Nisto, a expectativa de vida do público idoso tem avançado entre os brasileiros, através das melhorias alcançadas nos últimos anos, incluindo o Estatuto do Idoso que lhe assegura seus direitos, trazendo-lhes maior qualidade de vida.

Os brasileiros, que outrora eram habituados a verem um país com crescente fluxo na natalidade “muito recentemente vem percebendo que já não nascem mais tantas crianças como antes, e que os velhos estão ficando cada vez mais velhos, e em número cada vez maior”. (KARSCH apud GUIMARÃES, MIRANDA E MACÊDO, 2007, p. 4). Nesse sentido:

A atenção para as questões de saúde no envelhecimento tem crescido nas últimas décadas em virtude do aumento da longevidade da população mundial, sem precedente na história. [...] Dentre as questões que cercam o envelhecimento, a saúde aparece como elemento balizador pelo seu forte impacto sobre a qualidade de vida, constituindo-se como uma das principais fontes de estigmas e preconceitos em relação à velhice (ASSIS, 2005, p. 1-2).

Com o avanço da idade, o *declínio biológico* é acompanhado por *doenças* que afetam as funcionalidades do corpo, criando assim, dificuldades na vida social de cada idoso. Porém, *é possível controlar* esses problemas tomando medidas de *assistência adequada e preservando* assim, o bem estar social da pessoa idosa (ASSIS, 2005).

Nesse sentido, envelhecer é um processo inerente ao ciclo da vida:

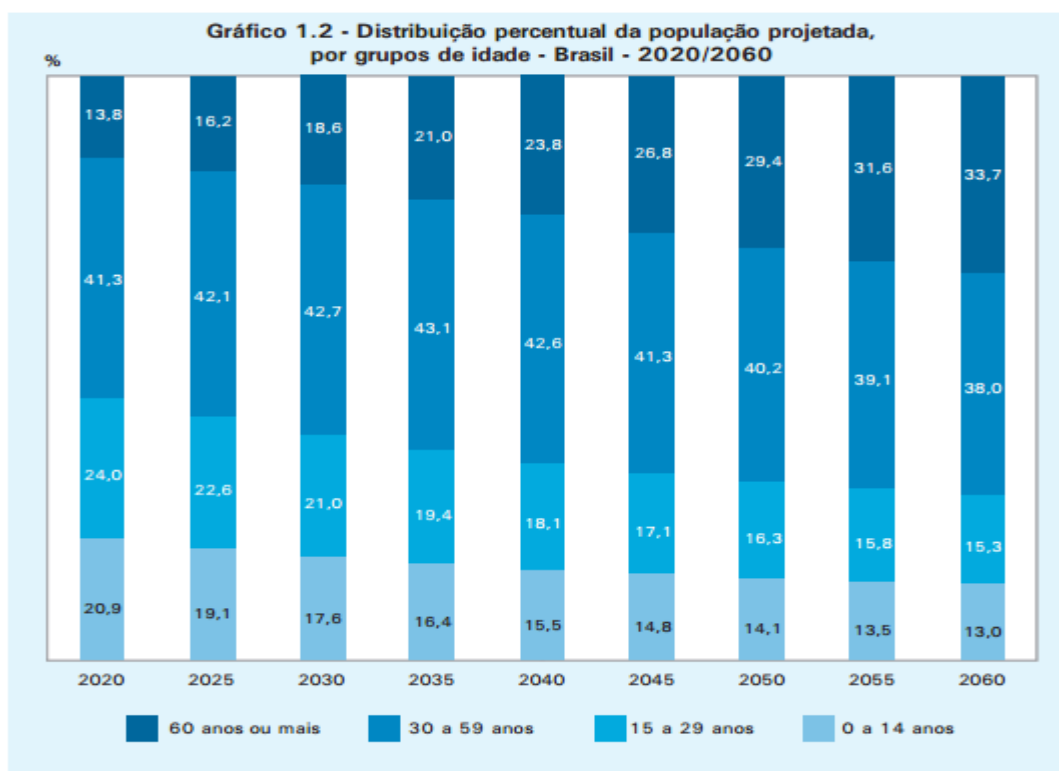
O envelhecimento é um processo normal, dinâmico, e não uma doença. Enquanto o envelhecimento é um processo inevitável e irreversível, as condições crônicas e incapacitantes que frequentemente acompanham o envelhecimento podem ser prevenidas ou retardadas, não só por intervenções médicas, mas também por intervenções sociais, econômicas e ambientais (BRASIL apud ASSIS, 2005, p. 3).

Como propõem Rowe e Kahn (1997): “envelhecimento bem-sucedido engloba três componentes principais: baixa probabilidade de doença e incapacidade, alta capacidade funcional física e cognitiva e engajamento ativo com a vida” (apud

ASSIS, 2005, p. 3). Neste último componente muitos idosos se destacam pela ação de uma atividade contínua na sociedade:

O envolvimento do corpo em dinâmicas de grupo, a criatividade, os vínculos e as redes sociais, e a percepção sobre a finitude de vida são extremamente relevantes [...] com idosos. [...]. Ao enfatizar a participação e oportunizar seu exercício, elas vislumbram um 'abrir portas' ao pensamento criativo sobre a vida e ao desejo de atuar na construção de outras realidades possíveis, mais propícias à qualidade de vida no envelhecimento. (ASSIS, 2005, p. 13).

A população idosa, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD (2009) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), era representada por 21 milhões de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos de idade, ocupando um percentual de 11,3 % da população. Esses dados, segundo o IBGE aumentou na Síntese de indicadores sociais (SIS, 2013), passando a totalizar 29,9%, no ano de 2012. Assim, o IBGE afirma que essa porcentagem aumentará para “13,8% em 2020 e para 33,7% em 2060”. O IBGE ainda afirma que “o grupo de idosos é, hoje, um contingente populacional expressivo em termos absolutos e de crescente importância relativa no conjunto da sociedade brasileira”.



Fonte: IBGE, Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 2000/2060, Revisão 2013 e Projeção da População das Unidades da Federação por Sexo e Idade para o Período 2000/2030, Revisão 2013.

Fonte: IBGE, 2013.

Imagem 1: Porcentagem da população idosa.

O século XXI trouxe mudanças significativas para os idosos brasileiros. O Congresso Nacional decretou e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei Federal Nº 10.741, DE 1º DE OUTUBRO DE 2003 que dispõe sobre o Estatuto do Idoso. A legislação garante os direitos dessa faixa etária, assegurando-lhe a dignidade de viver em um país onde a maioria da população deve-lhes respeito, por não apenas terem um dia na sua juventude contribuído para o progresso do país, mas por tudo o que essas pessoas representam para a sociedade.

O Art. 2º do Estatuto adverte:

O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da produção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (Estatuto; Art 2º, p. 05)

A partir da lei, a sociedade passou a enxergar o público idoso de modo respeitoso, considerando que a velhice não significa uma pausa na vida, mas sim uma permanente e insistente aprendizagem dos modos de se viver. Muitos idosos ao adentrarem esta fase e se aposentarem pensam que tudo o que eles tinham que fazer pela família, amigos, nação e por eles mesmos, já foi feito. Mas estão totalmente equivocados, pois novas oportunidades surgem em suas trajetórias. E se a vida continua, não há porque parar. O que os idosos fizeram, ou não, no passado não significa um obstáculo para a parada imediata da vida ativa. É preciso investir nesse público para que novas perspectivas os tornem produtivos, inclusive contribuindo no mercado de trabalho, pois “os idosos representam uma força proeminente na sociedade e devem ser vistos como cidadãos de pleno direito e não, sobretudo, como vulneráveis”. (ASSIS, 2005, p. 11).

Na fase idosa é o momento em que a chegada dos netos reflete a felicidade que muitos avós e avôs perdem ao verem a casa ficando vazia, ao se despedirem dos filhos que partem em retirada de suas vidas individuais ou para a formação de uma nova família. Daí surge o que a velhice tem de primordial – as lembranças. Trata-se de uma fase em que essas pessoas, em sua maioria, passam a contar o passado, e recontá-lo inúmeras vezes, ou quantas vezes for possível. É como se o presente não mais existisse como sendo importante, mas um passo dado com

insegurança para um futuro muito próximo do fim. Muitos declaram que não podem mais fazer nada, vivendo de significados passados.

Sobre essa conjuntura social, Bosi (2009) afirma que:

O passado conserva-se. [...] De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da *memória-hábito*, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado (BOSI, 2009, p. 48).

A memória passa a repetir ações como um sistema motorizado que conduz as posturas ou os hábitos a fazerem tudo de novo. As histórias vividas passam então a ecoar nos ouvidos dos netos ou dos amigos que, assentados junto a estes idosos, constroem mundos diferentes do atual cenário social, possibilitando alegria aos que transmitem suas experiências. Essas narrativas são alimentadas pelos agentes sociais que as ouvem, imprimindo um significado subjetivo ao papel do idoso, que valoriza cada vez mais suas lembranças.

Segundo Bosi (2009):

A recordação seria, portanto, uma organização extremamente móvel cujo elemento de base ora é um aspecto, ora outro do passado; daí a diversidade dos "sistemas" que a memória pode produzir em cada um dos espectadores do mesmo fato (BOSI, 2009, p. 51).

Desta forma cada espectador terá uma reação diferente ao ouvir a recordação contada com uma riqueza especial e diversa que somente a memória será capaz de organizar para perpassar aos que os ouvem atentamente.

Sabe-se que desde as primeiras gerações a cultura dos povos era perpassada "de pai para filho", através da "oralidade", que transmitia o que a memória conservava ao longo de gerações. Assim, os acontecimentos passados eram disseminados às gerações presentes, através da força que a memória dos antepassados tinha como baú de lembranças (FREITAS E COSTA, 2011).

"Naquela época era costume os reis terem contadores de histórias a seu serviço" (FREITAS E COSTA, 2011, p. 205). Desta forma a tradição que as pessoas tinham desde os primórdios de contar histórias, é observada no perfil idoso, de forma singular, pois tudo o que viveram em seus passados, estes conseguem de

forma peculiar repassar aos que lhes ouvem. Graças a memória que mantém vivas as lembranças já vividas.

Esta riqueza do contar histórias que outrora foram da realidade da pessoa que hoje é idosa, só qualifica o quanto sua importância se faz em meio a sociedade contemporânea que rodeada pelo “novo” esquece-se que tudo o que hoje existe um dia foi criado. Este “novo” que muitas pessoas veneram, tem um passado de bravura e luta que conquistou o que é hoje. E aqueles que com maior zelo um dia lutaram pelas conquistas atuais, estão aptos a parar para contar cada detalhe que sua memória gravou, pois:

[...] elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesma adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade (BOSI, 2009, p. 60).

Ao lembrar seu passado o idoso não está apenas parado no tempo, por relembrar o que já aconteceu, mas sim está ocupado na disseminação do passado que representa a sua vida. Tudo o que somos hoje tem um propósito inicial, que está marcado pelo passado, e que não se pode apagar da memória.

"O cérebro tem a responsabilidade de combinar informações genéticas, moleculares e bioquímicas com informações procedentes do mundo externo. Portanto, é um órgão extremamente complexo" (SÉ, QUEROZ E YASSUDA, 2013, p.141). Assim, no envelhecimento, o cérebro não para de funcionar, apenas sofre alterações em seu funcionamento dos sistemas de memória. Segundo os autores citados acima, existem cinco tipos de memórias que classificam como ocorrem essas mudanças:

Memória primária e operacional (esta última caracteriza-se pela dificuldade do processamento simultâneo de qualquer atividade, na qual o indivíduo tem em obstáculo a ação com muita velocidade);

Memória semântica (caracteriza-se pelo esquecimento de informações linguísticas, na qual há esquecimentos corriqueiros no diálogo, com simples palavras de objetos, do mesmo assunto);

Memória episódica (caracteriza-se pela fragilidade em se aprender coisas novas, ou mesmos atuais);

Memória de procedimento (caracteriza-se pela recordação de ações rotineiras do próprio cotidiano, onde há o desafio de dar procedimento aos hábitos diários - um desafio para muitos);

Memória prospectiva (caracteriza-se pelas ações que o indivíduo necessita realizar futuramente, e temo desafio de manter sua memória em constante ação de lembrança, fazendo com que sua vida seja independente de alertas alheios, do que o mesmo tem ou deve fazer, em instantes). Esta última classificação das memórias, tem sido ainda, o desafio mais complicado na velhice: lembrar-se do que se deve fazer daqui a oito horas ou mesmo daqui a quinze dias. (SÉ, QUEROZ E YASSUDA, 2013).

No entanto, sabe-se que se o idoso vive em constante movimento, e é um ser ativo, tenderá a reverter todas essas dificuldades, acima mencionadas, em ações positivas, que a própria memória oferece aos seres humanos, desde que a mantenham em ritmo de agitação contínua, para que a mesma esteja sempre em bom funcionamento. Para isso, há métodos eficazes no atual cenário mundial, capazes de manter o idoso ativo por toda a vida - a exemplo da educação permanente.

Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), o conceito e fundamento do envelhecimento ativo são:

O processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas. O envelhecimento ativo aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais. Permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, propicia proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários.(OMS, 2005, p. 13).

Sé, Queroz e Yassuda (2013) relatam que o envelhecimento de cada idoso é diferente uns dos outros, considerando que há os que apresentam um ritmo de seus funcionamentos "físico" e "mental" idêntico aos dos jovens. Nesta perspectiva, os autores afirmam que cada idoso apresenta um tipo de queixa de memória, que "deve

ser investigada" por um profissional de saúde para se afastar as possibilidades das "síndromes demenciais", que atingem essa população.

As síndromes podem surgir ainda nos 60 anos e predominar consecutivamente como avanço dos anos de idade. Na sua maioria, são conhecidas como: *doença de Alzheimer, demência vascular, demência frontotemporal, demência por corpúsculo de Lewy, doença de Parkinson e demências reversíveis* (são doenças demenciais com forma segura de reverter o quadro diagnosticado, através de tratamentos).

Assim, o acompanhamento físico e mental do idoso, sobretudo pelos geriatras deve ser mediado pelos familiares que os conduzirão à profissionais e especialistas em saúde, que terão condições necessárias para o melhoramento da capacidade cognitiva do seu paciente idoso, através de *estratégias preventivas* contra o grande número de doenças que afetam esse público, pois:

[...] o bom desempenho da memória e de outras funções cognitivas é influenciado pela saúde física, pela escolaridade, por relações sociais, pela situação socioeconômica, por características de personalidade e pelo nível de bem-estar emocional e de autoestima. Desta forma, o esclarecimento dos mecanismos e de suas inter-relações - que levam a envelhecer com qualidade - é de suma importância para um crescente contingente de idosos. (SÉ, QUEROZ E YASSUDA, 2013, p. 160).

Em virtude da importância de se tomar tais ações preventivas às demências do envelhecimento, como forma de alcançar uma velhice bem-sucedida, é preciso que aqueles que mediam a vida dos seus idosos, assumam o compromisso de conduzi-los à direção correta, para que os mesmos possam desfrutar bem da velhice. O mesmo se aplica à vontade do idoso que enquanto ser racional deve se conduzir às práticas de melhorias significativas para um cotidiano tranquilo.

Há os idosos que decidiram mudar suas vidas, dando continuidade às atividades que os fazem interagir com o mundo moderno, fazendo com que os mesmos saiam de "cavernas" criadas por eles próprios de isolamento social, que pode ser rompido na coletividade, evitando-se, deste modo, os riscos de depressões e ansiedades.

Apesar de observarmos muitos idosos em constante ritmo ativo de vida, há ainda, os que pelo destino foram obrigados a viverem isolados do mundo - e

inseridos em asilos. Freitas e Costa (2011) através do Projeto de Extensão "Memória e história: a voz e a vez do idoso", registrado no site do Sigproj/PROEC/UEMS, nos passam relatos da experiência vivida por cinco idosos (com idade de 65 a 90 anos) do Asilo Santo Agostinho de Paranaíba - MS, que deveriam despertar maior respeito da família e sociedade em geral, mas recebem exatamente o contrário. Muitas famílias (filhos, netos, sobrinhos, etc.), ao perceberem que os parentes estão adentrando a fase do envelhecimento ao invés de cuidarem do seu bem-estar como assim receberam destes na infância, preferem inseri-los em casas de repouso ou asilos, como forma de se verem livres da responsabilidade e tarefa de cuidado com essas pessoas. Há ainda os que ao inserirem os idosos nesses ambientes, procuram visitá-los frequentemente, para assegurar-se de que tudo está funcionando como pretendiam. Porém, há os que (em maioria) nem se lembram de que um dia deixaram seus pais ou avós nestes ambientes. Infelizmente, quem sofre com esse descaso é o idoso, que ao longo da vida fez de tudo para formar uma família feliz e estruturada, e ao chegar à velhice se vê desprezado e abandonado por seus entes queridos. Uma violência psicológica que frequentemente é vista na atual sociedade.

Idosos que estão neste contexto de abandono¹, relatam que para eles o que lhes resta é contar suas histórias, como forma de ascender a lembrança do que um dia foi sinônimo de felicidade. São "pessoas carentes de atenção. O passado e suas práticas culturais são os alicerces de nosso presente e futuro. Os idosos são autênticos livros vivos que guardam verdadeiras relíquias do passado" (FREITAS E COSTA, 2011, p. 210).

Outro dilema que atualmente vem perseguindo os idosos são os maus-tratos (além do abandono, já citado). Corriqueiramente os jornais relatam notícias de violência contra a pessoa idosa, que em sua fragilidade, não é capaz de se defender. Sobre este problema social, Minayo e Souza (2005) classifica a violência contra o idoso em tipos como:

Violência física: uso agressivo da força contra o idoso, que o obriga a fazer o que não querem;

¹ Ao contrário do Brasil, "nas sociedades orientais, como Japão e China, envelhecer é algo sagrado e tratado com delicadeza, respeito e reverência. Eles valorizam os idosos por sua sabedoria e experiências acumuladas ao longo da vida" (LOPES, 2012, p. 27).

Violência psicológica: uso abusivo do poder da autoridade falada, como forma de humilhar ou reprimir o idoso, nas suas fragilidades;

Negligência: recusa da responsabilidade para com a pessoa idosa, que frequentemente necessita de cuidados especiais;

Violência sexual: como o próprio nome já diz, refere-se à ações ilícitas contra a pessoa idosa, no que diz respeito a relação sexual, na qual a vítima é obrigada a satisfazer os desejos sexuais do agressor;

Abandono: é a situação mais frequente contra os idosos, que necessitam de proteção, e são esquecidos e abandonados pelos familiares e até por *órgãos governamentais e institucionais*;

Abuso financeiro ou econômico: violência contra o idoso e seus pertences financeiros. É uma forma de roubo implícito geralmente no âmbito familiar. Quando o idoso não é mais capaz de controlar seu dinheiro, há os que o controlam e roubam para si o que lhe convém.

Essas categorias de classificação das violências são mencionadas internacionalmente e no Brasil, como afirma Minayo e Souza (2005). Assim:

[...] a violência contra os idosos é um fenômeno de notificação recente no mundo e no Brasil [...]. Nesse momento histórico, a quantidade crescente de idosos oferece um clima de publicização e de politização das informações sobre maus-tratos e abusos de que são vítimas (MINAYO E SOUZA, 2005, p. 144).

Situações dessa natureza, em sua maioria, são causadas dentro do ambiente familiar. Além de deixar cicatrizes externas, causam-lhes, ainda, “frustração, medo, depressão, traumas, sentimentos de perda, culpa e de exclusão. O idoso tende a viver com sofrimentos e renega à convivência social” (GONDIM, 2011, p. 4).

Devido a essas violentas agressões são registradas taxas de mortalidade, causadas por agressões físicas e psicológicas no geral, que em sua maioria só são conhecidos os casos externos e extremos que se referem às lesões, traumas ou fatalidades que adentram aos serviços de saúde ou segurança pública (MINAYO E SOUZA, 2005), pois os casos que são menos agravantes ou relacionados a agravo interno, não são conhecidos das estatísticas, devido à incapacidade da vítima (idosos) que não consegue ou se omite em denunciar seus agressores. O que na

maioria dos casos é um agressor familiar (como filhos e netos) que o idoso por medo e até pena prefere esconder das autoridades competentes, com receio das consequências que virão devido à denúncia da agressão sofrida. Até em situações desse nível, as vítimas se preocupam em proteger seus algozes.

É razoável afirmar que não há registros antropológicos de alguma cultura que não possua atos violentos em suas relações interpessoais/intergrupais. Esta é uma construção biopsicossocial e histórico-cultural que, sobretudo, se expressa e ganha força nas disputas de poder e de domínio político, de modo que são direcionados aos grupos minoritários (aqui relativos ao nível de poder político) como: mulheres, índios, negros, homossexuais, judeus, crianças, adolescentes e idosos (ARAÚJO E LOBO FILHO, 2008, p. 154).

Guimarães, Miranda e Macêdo (2007) lembram que “a violência contra o idoso é uma das faces mais cruéis da questão da violência que permeia o tecido social e que ganha relevância social por ser esta população a que mais vem crescendo, nos últimos anos” (GUIMARÃES, MIRANDA E MACÊDO, 2007, p. 1-2), pois se trata da população que mais precisa de cuidados especiais e principalmente de amor e *respeito* da sociedade.

Uma investigação científica sobre os idosos objetivou apreender as Representações Sociais (RS), nos Grupos de Convivências (GC's) em Fernando de Noronha no Pernambuco, *ancoradas nos seus aspectos psicossociais, orgânicos e histórico-culturais*. E o resultado da amostra, constituída com 50 idosos de ambos os sexos, referente à violência na velhice, constatou que, em suma, as agressões partem de pessoas de confiança – a exemplo dos filhos. E relatam ainda que, geralmente, as violências contra eles são *Agressões Físicas*. Mas, que infelizmente a maioria desses idosos não tem coragem de denunciá-los (ARAÚJO E LOBO FILHO, 2008). Uma fala em destaque de um dos atores sociais da pesquisa denuncia que:

A gente na velhice é abandonado. Muitas vezes eles nem escutam nossa opinião. Antigamente as pessoas mais velhas eram respeitadas... Muitos idosos amigos meu já tiveram até agressão física, a ponto de ser internado no hospital devido ferimentos de socos do filho... tem gente que cuida do idoso nem lembra do remédios que tem que dar a ele, esquece sei lá, a gente se pergunta até que realidade nós chegamos com toda violência contra as pessoas velhas... o abandono é o principal motivo, porque não existe coisa pior do que você ter uma família e não puder contar com ela na velhice... por isso minha posição é totalmente contrária a violência contra a pessoa idosa seja de qualquer forma (ARAÚJO E LOBO FILHO, 2008, p. 157).

Contudo, o Estatuto do Idoso se impõe como uma forma de defesa às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, que estão a cada dia inserindo-se em atividades complementares de educação e/ou lazer para a vida. Esta evolução se dá pela criação de diversas oportunidades educacionais que inserem o idoso no contexto social contemporâneo, medida assegurada pelo Art. 21 do Estatuto: “O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados” (Estatuto; Art 21º, p.14).

Assim, cada vez mais é possível encontrar esse público voltando a estudar, praticando esportes, caminhando ao ar livre, praticando exercícios físicos, procurando especialistas em procedimentos estéticos de rejuvenescimento, inseridos em programas culturais de representação popular, bem como buscando estimular suas habilidades motoras e desenvolvendo aprendizagens com as novas Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs. Assim, o homem ativo tende a lembrar menos do seu passado, e passa a correr atrás de um futuro melhor com expectativas de vida mais independentes, transformadoras e com capacidade de inovar sempre a sua inteligência.

Todas estas práticas observadas no atual cenário mundial se devem à globalização que ao longo dos anos não para de abranger cada vez mais todos os habitantes da terra. Desta forma, os idosos que outrora se viam excluídos desta frenética modernização, sentem-se nos últimos anos atraídos pelas chances de renovação e aperfeiçoamento da sua saúde física e cognitiva. Essa mais nova inserção dos idosos no mundo da tecnologia está se tornando frequente nos quatro cantos do globo, contexto que os convida a vivenciar as facilidades e as possibilidades da interação social que podem significar melhor qualidade de vida.

Assim, através das Políticas Públicas para o idoso, foi ampliado o direito a educação permanente, que incentiva a pessoa ainda que, na velhice, voltar a estudar através do Programa Educação de Jovens e Adultos e das Universidades Abertas à Maturidade. Esta inclusão do idoso ao contexto social faz com que não mais encontremos um perfil de avôs e avós sentados em suas cadeiras de balanço, contando e recontando histórias passadas, guardadas na memória, e esperando o tempo passar. Hoje, eles podem ser inseridos em uma vida ativa, com histórias a

cada dia renovadas, pelas convivências em grupos de pessoas que buscam os mesmos ideais de crescimento e proatividade. Portanto: “[...] para o adulto ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação. É o momento em que as águas se separam com maior nitidez” (BOSI, 2009, p. 60).

Neste paradigma de inclusão social para o idoso, Leão e Eulálio (2011) afirmam que “a escolaridade é um forte indicativo de diferenciação” (LEÃO E EULÁLIO, 2011, p. 199). Apesar de o número de idosos inseridos no contexto educativo ainda ser pouco, tem-se observado uma crescente busca deste público pela educação permanente, pois:

Quando eles ganharam maior visibilidade por causa do envelhecimento populacional e por causa do aumento da longevidade, várias sociedades passaram a tomar providências práticas para garantir o que passou a ser reconhecido como direito desse grupo etário e como necessidade social. Foi exatamente nesse contexto que apareceram as primeiras iniciativas de proporcionar educação aos mais velhos (CACHIONI E NERI, 2013, p. 30).

Cabe ressaltar que os idosos ativos podem ser diagnosticados com uma velhice bem-sucedida, visto que em níveis de comparações se destacam, frente àqueles que, de alguma maneira, excluem-se da vida social. Assim, a velhice bem-sucedida é refletida nas ações que os idosos ativos têm em seu meio não só familiar, mas social. Mesmo que esse número de idosos ativos seja pequeno, sua existência se faz necessária para que seja demonstrado à população que é possível envelhecer com capacidade de continuar desenvolvendo-se e aprendendo o novo a cada dia, pois não há tempo determinado para se querer conhecer outros saberes.

Neri e Yassuda (2013) remetem-nos a entender que:

Os parâmetros mais aceitos sobre o que define uma velhice bem-sucedida ou ótima e que, em contraste, são utilizados para definir velhice normal e patológica são: ausência de doenças físicas e mentais crônicas e de incapacidades funcionais que comprometam o funcionamento em níveis esperados para pessoas adultas numa dada sociedade; ausência de fatores de risco, tais como hipertensão, tabagismo e obesidade; manutenção do funcionamento físico e mental e engajamento ativo com a vida (NERI E YASSUDA, 2013, p. 08).

Sendo assim, todo envolvimento da pessoa idosa no contexto social contribui, significativamente, para o seu bem estar e para a sua contínua funcionalidade. Desta forma, este público não será atingido pelas constantes doenças do novo

século, que perseguem àqueles que estacionaram suas vidas no período da velhice, achando que não há mais tempo para viver.

A concepção de educação permanente implica em um ensino contínuo, na qual o ser humano busca vivenciá-lo ao longo de toda a vida. Neste processo, os indivíduos de todas as idades têm o direito de aprender. É através da educação que o ser humano passa a reconhecer suas habilidades e perpassá-la aos que lhes cercam, fazendo com que haja uma ação condutora de ensino-aprendizagem. Portanto, se faz necessário ressaltar que a pessoa idosa inserida nas iniciativas educativas, provará ainda mais que "o potencial humano para o desenvolvimento e para influenciar os outros não se encerra na velhice" (CACHIONI E NERI, 2013, p. 29).

A inserção do idoso no meio educacional tem diminuído o número de pessoas que outrora se sentiam excluídas da sociedade, por não encontrarem espaço para o seu desenvolvimento nesses espaços de aprendizagem. A depressão, oriunda do sentimento de rejeição, exclusão e abandono, fazia com que o idoso ficasse preso ao seu mundo "improdutivo" e "dependente". Hoje, muitos passaram a manter suas habilidades em constante manutenção, na qual vivenciam a educação de forma interativa, integradora e inovadora, com lazer, contato social e ascensão do conhecimento.

Em suma, a educação permanente alinha-se a auto realização do idoso, enquanto ser social. Manerich, Sandri e Knoll (2008) explanam que é no período da velhice, onde muitas pessoas percebem-se como alguém que já significou algo para a sociedade e que deu sua contribuição para àqueles que os rodearam a vida inteira. Posteriormente ao período produtivo, passam a se ver como pessoas inúteis, incapazes de contribuir para o meio social, e sentem-se um obstáculo para o mundo contemporâneo. Os autores citados ainda defendem que "retirar os velhos (sic)² do

² A designação 'velho' não é mais adequada para nomear esses 'jovens senhores' e seu novo estilo de vida. Surge, desse modo, a denominação 'idoso', mais respeitosa e distintiva das camadas médias. Peixoto (1998) analisa a passagem do uso de 'velho' para 'idoso', tanto na França como no Brasil, e mostra a transformação do uso público das expressões relacionadas ao envelhecimento. O termo 'velho' estava fortemente associado aos sinais de decadência física e incapacidade produtiva, sendo utilizado para designar de modo pejorativo sobretudo os velhos pobres. A partir da década de 60 o termo começa a desaparecer da redação dos documentos oficiais franceses, que passam a substituí-lo por 'idoso', menos estereotipado. Surge o termo 'terceira idade' que torna pública, estabiliza e legitima a nova sensibilidade investida sobre os jovens e respeitados aposentados. (SILVA, 2008, p. 163).

anonimato" se faz necessário, na medida em que passamos a viver em "coletividade", e incluímos aqueles que de alguma forma se sentem excluídos das pessoas individualistas que só enxergam a si próprias.

A chance da educação para os mais velhos deriva-se do crescimento numérico de idosos que ao longo dos anos ganhou visibilidade populacional, e que por causa da longevidade, providências foram tomadas para propiciar uma velhice mais saudável. Assim, a educação para o idoso "é um empreendimento social referenciado a uma filosofia sobre a velhice e uma filosofia sobre educação à velhice" (NERI E CACHIONI, 2013, p.30).

Com o crescimento da população idosa brasileira, o país na década de 1970 com pioneirismo do SESC (Serviço Social do Comércio), sob influência francesa, criou a Universidade da Terceira Idade, centros de ensino e convivência capazes de oferecer lazer e educação a esse público. Tendo sua origem plantada na Europa e depois na América (pelas mãos de Pierre Vellas), as Universidades da Terceira Idade se expandiram por todo o mundo. Várias razões impulsionaram a criação destas universidades, e dentre elas está um sistema de educação permanente para àquelas pessoas que construíram a nossa história, propiciando-lhes novas políticas de bem-estar social e psicológico (NERI E CACHIONI, 2013).

A criação das Universidades da Terceira Idade surgiu como uma "proposta inovadora" que propiciou e propicia até hoje uma ocupação do tempo livre dos idosos. Esta iniciativa veio como alicerce para uma velhice saudável, capaz de oferecer a todos os idosos, sem distinção, uma educação com produtividade, no sentido de mostrar à sociedade que a aprendizagem é um processo ininterrupto, sem data de validade.

A exclusão social que antes era vista no semblante de muitos idosos, hoje não é refletida mais, pois a inserção destes nos programas de educação permanente faz com que o isolamento seja superado na convivência com seus iguais. A educação para a vida toda propicia saúde, força, vigor, disposição, motivação e desejo de viver. Segundo Assis (2005), a sociabilidade tem efeito terapêutico na saúde das pessoas idosas:

Avanços nesta direção podem ser vislumbrados no nível do associativismo promovido nos espaços de sociabilidade destinados aos idosos. [...]. A

inserção de idosos em atividades sociais tem sido reconhecida como valiosa para a qualidade de vida deste segmento, com repercussões positivas na saúde (ASSIS, 2005, p. 11).

Os programas de educação permanente na década de 1980, rodeados por idosos mais exigentes, ampliaram seu eixo de educação, propiciando ao seu público “cursos universitários formais com direito a diploma”, baseados em “três eixos: participação, autonomia e integração”. Assim, os estudantes passaram a compor o quadro de pesquisadores universitários, desempenhando um papel de idoso ativo (NERI E CACHIONI, 2013), pois a educação é para todos, e não apenas para os estudantes mais jovens.

O idoso enquanto ser social, inserido na educação permanente, não apenas está ali para aprender a aprender, mas para manter e buscar contatos sociais, bem como estabelecer trocas com outros idosos e seus mediadores. Essa convivência os capacita a viver em grupo e a respeitar o seu próximo, interagindo com outros aprendizados, numa convivência que ao longo do tempo torna-se amigável e benéfica para a autoestima do idoso. Ainda no contexto da educação permanente, este público passa a desenvolver habilidades inovadoras, que geram mais confiança na própria capacidade, que outrora foi abandonada pela falta de oportunidade em mantê-la na prática cotidiana. Através de seus mediadores, os idosos são incluídos não só no ambiente universitário, mas nas tarefas cotidianas, que antes poderiam ser vistas como inacessíveis, a exemplo das novas tecnologias.

Desta forma, não só o aluno das Universidades da Terceira Idade aprende, mas também dissemina aprendizagem para aqueles que os cercam. Sobre essa realidade, Neri e Cachioni (2013) esclarecem que: "nesse processo dinâmico, em que muitas vezes ocorrem troca de papéis - educadores tornam-se aprendizes e aprendizes tornam-se educadores -, ambos são beneficiados" (NERI E CACHIONI, 2013, p. 47).

Nesse contexto, a educação para a terceira idade se faz necessária e permanente, uma vez que melhorias significativas na vida deste segmento têm sido alcançadas ao longo da implantação das Universidades da Terceira Idade, propiciando-lhes um "envelhecimento bem-sucedido, melhoria da autoestima e valorização pessoal" (NERI E CACHIONI, 2013, p. 48). Em suma, ocorre um impacto

positivo sobre o bem-estar psicológico e social de cada indivíduo idoso. Para Assis (2005):

O envelhecimento ativo é uma aspiração básica que potencializa o viver e depende, em grande parte, de condições sociais e políticas públicas que garantam direitos básicos de cidadania e possibilitem práticas tendencialmente saudáveis, como alimentação equilibrada, atividade física, uso prazeroso do corpo, inserção social e ocupacional dotadas de significado, lazer gratificante, além do acesso a serviços assistenciais e preventivos. (ASSIS, 2005, p. 12).

Assim, o processo evolutivo do idoso enquanto ativo, tenderá a elevar-se cada vez mais, pois trabalhando a capacidade mental, terá sempre um envelhecimento sadio. Yassuda (2012) revela-nos que: "com o envelhecimento, muitos idosos apresentam um real declínio nas suas funções cognitivas, em particular na memória [...] nessa faixa etária". Por isso, vemos relatos de idosos que se queixam por não mais se lembrar de algo passado e esquecer-se fácil de coisas simples do fazer diário. Devido a esse "declínio" da memória, especialistas em saúde sempre recomendam que estes idosos procurem preencher o tempo livre com atividades pedagógicas (como a leitura diária), exercícios físicos e uma alimentação equilibrada e saudável, visando os benefícios gerados por essas ações. Não somente na velhice, mas ainda na juventude, tomando essas atitudes será possível ter uma velhice bem-sucedida.

Sobre essa assertiva Leão Júnior e Resende (2013) ressaltam:

Algumas capacidades físicas realmente diminuem com o envelhecimento, requerendo a reavaliação de auto eficácia em atividades que têm como mediadoras funções biológicas que tenham sido afetadas. Contudo, as pessoas apresentam boas reservas fisiológicas, de forma que algumas perdas com o envelhecimento não necessariamente prejudicam o funcionamento psicossocial (LEÃO JÚNIOR E RESENDE, 2013, p.130).

Desse modo, a educação ao longo da vida e a prática de exercícios são úteis para o funcionamento psicossocial do idoso ativo, pois "os exercícios físicos levam a um melhor desempenho cognitivo e [...] a boa forma física também leva a uma autoeficácia mais elevada" (LEÃO JÚNIOR E RESENDE, 2013, p.137). Assim, os idosos, frente às perdas derivadas da longevidade, ainda encontram reservas fisiológicas que lhes dão engajamento para prosseguir na vida social.

O processo de se manter a boa forma física, nos últimos anos passou, a fazer parte do perfil idoso, que assíduos a essa busca, a cada dia se tornam mais

exigentes pelo consumo estético global. Visando este crescente público consumidor, Sibilia (2012) afirma que: "a tecnociência e o mercado oferecem um profícuo cardápio que visa a aumentar, também, a qualidade de vida" (SIBILIA, 2012, p. 87). Assim, o mercado oferece ampliadas possibilidades e oportunidades estéticas de atração aos idosos, demonstrando que se trata de uma parcela significativa dos brasileiros.

Cada vez mais, é possível observar idosos (em sua maioria mulheres), em busca de soluções estéticas de rejuvenescimento e outras finalidades para o bem-estar físico. Visto que "não é fácil ser um corpo velho hoje em dia" (Sibilia, 2012, p.88), devido à exclusão que a sociedade dá aos que apresentam falhas em seus corpos, as pessoas tem buscado preservar a juventude com uso "frenético" de cosméticos e submetendo-se à plásticas cirúrgicas. A justificativa tanto do sexo feminino, quanto do sexo masculino se refere a corrigir imperfeições que surgiram no decorrer da vida e que os fazem se sentir mais velhos. Neste passo, acreditam que fazendo tais procedimentos estéticos, ganharão um perfil juvenil frente ao mundo contemporâneo e serão aceitos com mais facilidade.

Sediados pela sociedade moderna, que procura através da imagem midiática tratar o corpo velho como algo vergonhoso e digno de desprezo, esses idosos procuram esconder ou mesmo apagar as marcas concebidas pela longa experiência de vida, como forma de responder e se enquadrar aos moldes que a "sociedade do espetáculo" impõe sobre as pessoas, como forma de manipulação da escolha individual dos seres humanos. Assim, o vício pela "conquista a imortalidade" está estampado no semblante da sociedade moderna, que engajada nesta concepção acredita que "tudo o que nos constitui perde o valor quando nos tornamos velhos" (SIBILIA, 2012, p. 93).

"No Brasil, o corpo é um verdadeiro capital" (GOLDENBERG, 2007 apud GOLDENBERG, 2011, p. 78). A busca por este corpo, que não é qualquer corpo, se submete aos mais variados sacrifícios estéticos do mundo, para consolidação do padrão ideal (idealizado pela lógica do mundo capitalista). Sendo assim, em sua maioria, as mulheres (e não apenas esse gênero, pois os homens já adentraram à lógica do belo), investem altos valores para conseguir alcançar a "boa forma" com um corpo "magro, jovem e sexy", realizando, assim, a incessante busca pela

juventude eterna. A grande procura por cirurgia plástica, no Brasil, o torna (logo após os norte-americanos) o país com maiores consumidores dessa tendência em todo o mundo. "São preenchimentos faciais, Botox, tintura para cabelo", e outros procedimentos estéticos para a conquista do "corpo capital" (GOLDENBERG, 2011, p. 78). Assim, o mercado de cosméticos cresce a cada dia, no atual cenário brasileiro e mundial.

Como afirma Goldenberg (2011): "além de o corpo ser muito mais importante do que a roupa, ele é a verdadeira roupa" (GOLDENBERG, 2011, p. 78), pois toda a beleza vale mais do que a própria vestimenta, visto que para a maioria das pessoas a estética corporal é a real beleza do ser humano, e não o que a pessoa realmente representa como ser individual. Desta forma, é o corpo quem deve estar bem vestido, pois será exibido às pessoas - a exemplo dos corpos que frequentemente estão expostos nas grandes praias brasileiras. Assim, as mulheres que estão adentrando à velhice, buscam meios estéticos de manter "o corpo como capital" (GOLDENBERG, 2011), numa sociedade que discrimina as consequências do processo da velhice.

Goldenberg (2011) relata ainda que, ao entrevistar mulheres brasileiras que adentravam a maturidade (com idade até os 50 anos), constatou que há um "abismo" demonstrado nos "discursos" das entrevistadas, pois se realizaram profissionalmente, obtiveram "independência econômica" e cresceram no nível escolar, mas se sentem "preocupadas" com o aumento do "peso corporal, têm vergonha de seus corpos e medo" do viver solitário. Ao contrário das brasileiras, estão as Alemãs, que "se revelam muito mais seguras, em relação à todas as questões de insegurança que as brasileiras relataram. As Alemãs "aos 60 anos [...] se sentem no auge da vida, entusiasmadas com projetos profissionais, viagens, programas culturais, etc." (GOLDENBERG, 2011, p. 81). Atrelados a estes exemplos, é possível perceber que aqui no Brasil, o sacrifício pela realização do parecer "mais jovem" está inteiramente ligado ao "abismo" que muitas sentem em relação à vida. Evidentemente, nos países do primeiro mundo, as condições sócio econômicas instigam a vida ativa dos idosos, ao contrário dos países pobres, em que o envelhecimento é tratado como estorvo.

Curiosamente, a pesquisa mostrou que "as brasileiras que se mostram mais satisfeitas não são as mais magras ou bonitas, e sim aquelas que estão casadas há anos". Elas têm "capital marital" (GOLDENBERG, 2008 apud GOLDENBERG, 2011, p. 81). Segundo a antropóloga, as mulheres (em sua maioria), se sentem com um valor corporal, estando em um relacionamento amoroso que lhes passam segurança, diante das milhares de mulheres "solteironas" que não alcançaram um companheiro para a vida inteira. Já que há menos homens disponíveis na faixa etária de idosos, essas mulheres têm seus cônjuges como "um capital", que merece a valorização da sociedade.

No entanto, para minha surpresa, quanto mais avançava na idade das pesquisadas, mais aspectos positivos apareciam em seus depoimentos sobre a velhice. Elas passaram a fazer coisas que sempre desejaram como dançar, cantar, viajar, passear, namorar, correr, pintar, nadar, estudar etc. Mais importante ainda: deixaram de se preocupar com a opinião dos outros e passaram a priorizar os próprios desejos (GOLDENBERG, 2011, p. 82).

Assim, no caso das mulheres que ainda estão no processo da entrada para a maturidade, há um abismo de inseguranças. Já nas mulheres que estão nesta fase da maturidade há alguns anos, esta nova etapa da vida é encarada com maior apreço, disponibilidade e segurança, valorizando seus desejos e realizações na velhice.

A autora destaca que o medo de ser velho afeta as mais jovens, pois essas "têm muito medo de envelhecer, porém as mais velhas não falam só sobre doenças, preconceitos e invisibilidade social, mas também sobre felicidade, prazer e liberdade" (GOLDENBERG, 2011, p. 82). Nesse sentido, é preciso superar o preconceito da velhice associada às doenças e às dores, bem como ao sofrimento de modo amplo.

Devido ao molde estabelecido pela sociedade contemporânea de que para ser bonito têm que ser bela, magra e jovem, as mulheres já aos 30 anos (ou porque não dizer, antes dos 30 anos), se preocupam incessantemente com o aparecimento dos primeiros fios de cabelo branco, com as rugas e com o aumento do peso corporal. Já muitas "mulheres mais velhas conseguem se libertar da ditadura da aparência" (GOLDENBERG, 2011, p. 84) e começam a dar mais ênfase aos cuidados com a saúde e manter a boa velhice em forma, valorizando até mesmo as rugas e as marcas de expressão como sinônimos de uma vida bem vivida.

Para manter as "qualidades de vida" na velhice, no decorrer dos anos foram criadas alternativas que mantêm os homens e mulheres felizes, mesmo na fase do envelhecimento - como a educação permanente à terceira idade, que além de passar novos conhecimentos à pessoa idosa, trata de inseri-la no contexto social emergente, propondo-lhes a continuidade do ritmo da vida e não a estagnação da vida. Incentivos de Educação, Cultura, Esporte e Lazer são assegurados pela Lei que dispõe sobre o Estatuto do Idoso, desta forma, os idosos estão cada vez mais instigados a rever suas práticas cotidianas, no apelo à inclusão em diversos setores.

Além da vaidade mais expressiva e busca pelo rejuvenescimento, através de compras de produtos estéticos, os idosos do último século têm usufruído de mais bens para o seu próprio benefício, através do consumo de produtos tecnológicos, de vestuário, de calçados, de acessórios, de automóveis, de imóveis, e ainda pela procura frequente por bons restaurantes, hotéis e frequentes viagens a diversos lugares, diversificando o segmento turístico. Nesse sentido, Guedes (2009) salienta que o setor de lazer está investindo no público idoso a partir do incentivo à convivência e à interação.

O resgate do convívio social é um dos principais benefícios proporcionado pela prática do turismo e de atividades de lazer para a terceira idade, e é imprescindível para que o envelhecimento possa se tornar uma etapa da vida em que seja possível usufruir de novas experiências e oportunidades, caracterizando genuinamente a melhor idade, fluindo assim um senso de bem-estar entre as pessoas idosas que vivem no Brasil além de descortinar uma vasta opção de negócios para empreendedores do ramo do turismo (GUEDES, 2009, p. 61).

Segundo o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) em um Estudo de Comportamento de Consumo – Segmento de Vestuário, Calçados e Acessórios (2011):

O mercado da terceira idade tem se tornado mais atrativo à medida que a proporção de pessoas de terceira idade na população mundial tem aumentado e este grupo vem controlando cada vez mais recursos financeiros. [...]. Para muitos idosos o envelhecimento representa uma descoberta de um "eu" que estava escondido, sufocado pelas obrigações sociais, especialmente no papel de mãe e de esposa e que viam na maturidade a oportunidade de serem elas mesmas pela primeira vez. Experimentam o novo por razões diferentes dos consumidores mais novos: em vez de experimentarem por estar na moda, eles aprovarão o novo que atender uma necessidade específica e real (SEBRAE, 2011, p. 32-33).

Idosos que antes eram vistos como pacatos, atrasados, fora da moda, sem humor, sem poder aquisitivo, fora do consumo econômico, doentes, depressivos,

dependentes, e resistentes aos produtos modernos, hoje fazem parte da inovação mundial, mostrando-se seres independentes e produtivos. O consumo por roupas, calçados, bolsas por esse público vem crescendo progressivamente, na medida em que os gastos com os filhos não existem mais (por já estarem criados), o que lhes proporciona equilíbrio de renda, momento em que o nível de gastos passa a aumentar com as suas novas necessidades e demandas. O estudo revelou que:

O idoso muitas vezes consome de uma forma denominada de consumo compensatório. É uma forma de auto-recompensa pelos sacrifícios e economias que tiveram que fazer durante a vida enquanto tinham que trabalhar duro e criar os filhos. Neste tipo de consumo, as pessoas se importam menos com o fator preço em suas decisões, e mais com a satisfação proporcionada. Este grupo está cada vez mais vaidoso. Isto é diretamente refletido na busca por estar na moda e se sentir bem com a roupa. Desejam aparentar mais juventude. [...]. O nicho está em constante mudança e o consumidor idoso é bastante complexo (SEBRAE, 2011, p. 35).

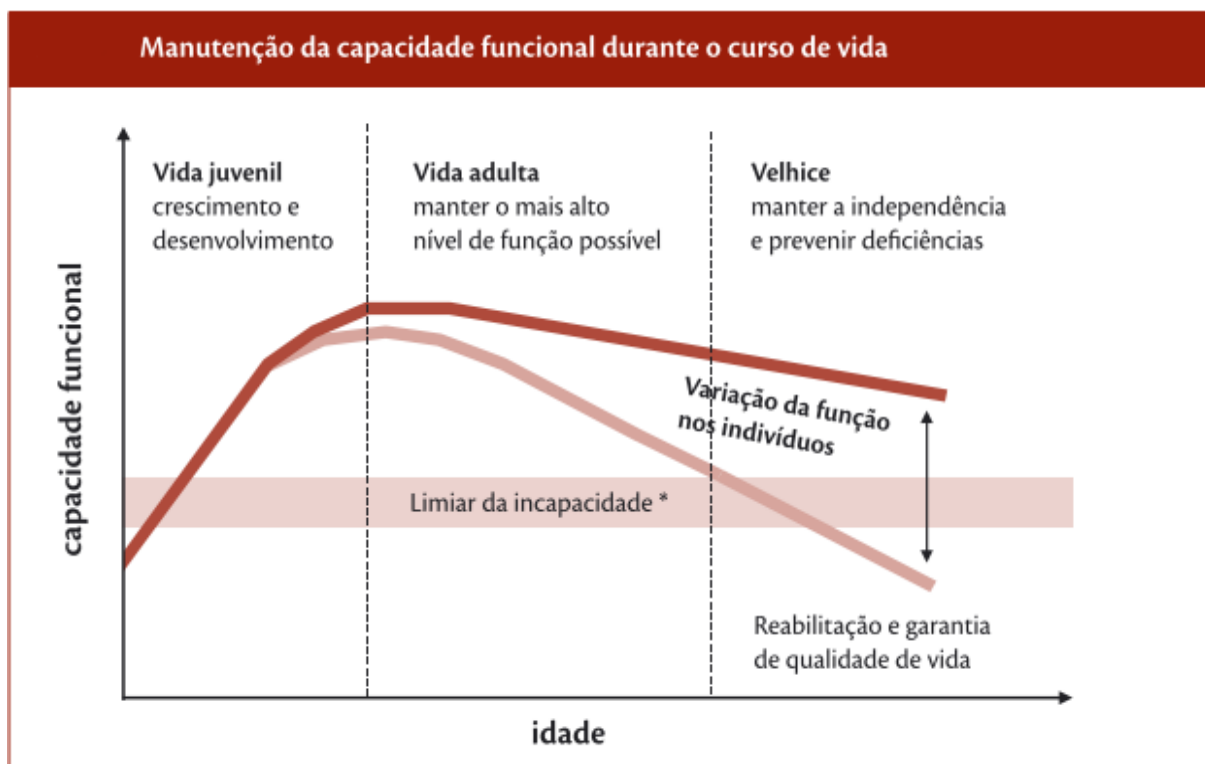
Na corrida para uma velhice ativa, saudável e equilibrada, os idosos que eram obrigados a manter o orçamento da casa apenas com sua própria renda, encontram na saída dos filhos, que eram seus dependentes, a liberdade de se tornarem idosos totalmente independentes, com a única responsabilidade de se manter bem e feliz.

Assim, a busca por produtos alimentícios e bebidas funcionais, vem crescendo progressivamente em escala global, na busca por hábitos saudáveis, que incluem: “alimentação balanceada, prática regular de exercícios físicos, convivência social estimulante, atividade ocupacional prazerosa e mecanismos de atenuação do estresse” (ASSIS, 2005, p. 4).

Convictos de que para manter a boa forma e uma saúde confortável, é preciso investir em produtos com funcionalidade para suprir as necessidades perdidas pelo organismo, devido ao envelhecimento, estes idosos estão cada vez mais investindo em si próprios.

Diante deste contexto, pode-se afirmar que:

[...] a saúde não deve ser vista como um objetivo em si mesmo, mas base da vida cotidiana, instrumento para realização de aspirações e sentimento de satisfação no curso da vida. A utopia, longe de ser a ‘saúde perfeita’ e o culto ao corpo encerrado em propósitos estéticos, individualistas e mercadológicos, é preservar a capacidade de lidar bem com a vida, mesmo na velhice e na presença de doenças e limitações (ASSIS, 2005, p. 7).



Fonte: Kalache and Kickbusch, 1997.

**Fonte: apud OMS, 2005.
Imagem 2: Capacidade funcional durante a vida.**

De acordo com dados da Euromonitor Internacional (Agência Internacional de Pesquisa e Análise de Mercado), inseridos na matéria "Produtos funcionais mantêm idosos em forma e ativos", hoje, "cerca de 100 milhões de pessoas estão atualmente na faixa dos 80 anos de idade", e "mesmo que a dieta dos idosos seja razoavelmente saudável e suficiente em calorias, a eficiência do aparelho digestivo diminui com a idade" Neste passo ficam menos propensos de "absorver ótimos níveis de nutrientes dos alimentos ingeridos" (Revista Bimestral: Aditivos e Ingredientes, 2012, p. 36). Em suma, os idosos apresentam deficiências em vitaminas de importante valor nutricional para o corpo humano.

Seguindo esse raciocínio, a pesquisa mostra que a procura dos idosos por produtos funcionais, deve continuar a crescer no decorrer dos próximos anos, já que o ritmo de crescimento da população mundial é da faixa etária acima dos 65 anos. Nesse sentido as empresas devem focar em estudos que os levem à descobertas de produtos que mantenham este público consumidor com suas funções aptas e ativas ao longo dos anos, pois estes "consumidores maduros estão cada vez mais

interessados na prevenção de doenças e na manutenção da sua qualidade de vida" (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2012, p. 37), através do consumo de alimentos e bebidas com reposição das necessidades nutricionais, mal absorvidas pelo organismo na velhice.

Há ainda, destaque à *dimensão espiritual*, na qual a *espiritualidade* é vista como uma necessidade durante a vida das pessoas e essencial na velhice. Acredita-se que é capaz de tirar o *idoso da solidão e torná-lo mais* contente com a vida, pois na espiritualidade é possível ter *experiências* ruins e boas, mas estabelecer um controle e estímulo para prosseguir na jornada da vida. Assim, é preciso que esta busca seja *cultivada* ao longo da vida, e não apenas na velhice. Porém, se *na juventude* esta busca *foi negligenciada*, por alguma razão, não é tarde para que o cultivo comece, e estabeleça uma vida de qualidade na fase da velhice. (WOLFF, 2009).

Nesse sentido, podemos mencionar os conselhos do escritor Salomão, já na sua finitude da vida, que registra no livro de Eclesiastes (cerca de 935 a.C.) essas palavras:

- 1 Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais venhas a dizer: Não tenho neles contentamento;
- 2 antes que se escureçam o sol, e a luz, e a lua, e as estrelas, e tornem a vir as nuvens depois da chuva;
- 3 no dia em que tremerem os guardas da casa, e se curvarem os homens fortes, e cessarem os moedores, por já serem poucos, e se escurecerem os que olham pelas janelas;
- 4 e as duas portas da rua se fecharem por causa do baixo ruído da moedura, e se levantar à voz das aves, e todas as vozes do canto se baixarem;
- 5 como também quando temerem o que está no alto, e houver espantos no caminho, e florescer a amendoeira, e o gafanhoto for um peso, e perecer o apetite; porque o homem se vai à sua eterna casa, e os pranteadores andarão rodeando pela praça;
- 6 antes que se quebre a cadeia de prata, e se despedace o copo de ouro, e se despedace o cântaro junto à fonte, e se despedace a roda junto ao poço,
- 7 e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu.
- 8 Vaidade de vaidade, diz o Pregador, tudo é vaidade.
- 9 E, quanto mais sábio foi o Pregador, tanto mais sabedoria ao povo ensinou; e atentou, e esquadrinhou, e compôs muitos provérbios (Ec. 12.1-9).

Através de metáforas, Salomão (que também é descrito na Bíblia como “pregador”), transcreve a realidade vital do *corpo físico*, que ao longo dos anos

(especificamente na chegada a velhice) se torna mais propenso a perdas significativas. No sentido figurado, ele descreve a incapacidade na visão e na memória, o enfraquecimento da força nos ossos para defesa pessoal, a fraqueza nas pernas, a perda dentária, o surgimento dos cabelos brancos e por fim a morte que chega a todos.

Nessas comparações, podemos extrair o ensinamento de que a vida é passageira e que tudo deve ser feito enquanto há tempo, considerando esse aspecto transitório. Nos versículos citados acima, ainda é possível entender que usufruir da juventude e da velhice depende do cultivo da espiritualidade. Nesse sentido, a chegada à idade avançada não terá amargos lamentos das perdas cognitivas. Assim, os “idosos com vivência espiritual conseguem elaborar mais facilmente as perdas e os ganhos da idade, proporcionando uma existência tranquila, voltada para o seu bem-estar, e ao mesmo tempo [...] lutar pelo bem de seus semelhantes” (WOLFF, 2009, p. 18), contribuindo para a diminuição do vazio existente atualmente no espaço social.

Dessa forma, a longevidade não incapacita os indivíduos para as descobertas de novos saberes, o que os direciona para novas alternativas de aprendizagem, em busca de um sentido coletivo para a vida em sociedade. É disso que trata o próximo capítulo deste estudo.

Capítulo 2

A UAMA: uma proposta interdisciplinar e sócio inclusiva na UEPB

"[...] as Universidades Abertas à Terceira Idade destacam-se pela manutenção da educabilidade dos idosos, da oportunidade de fortes interações sociais e da promoção da qualidade de vida. Além da convivência, o pensar, o fazer e o aprender favorecem o bem-estar", assim, [...] " o aprendizado deve estar presente ao longo de toda a vida" (CACHIONI, 2012, p. 25).

A UAMA é um espaço para se falar e se ouvir, estimular a comunicação, a atenção, o cuidado, expor as dificuldades, os problemas e as vitórias (UEPB, acesso em 03 de outubro de 2014).

Considerando-se os aspectos que a educação permanente traz para a vida social, física e mental da pessoa idosa, apresentamos a UAMA (Universidade Aberta à Maturidade), que vinculada ao *pioneirismo* da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), forma alunos na maturidade, e os integra ao contexto moderno de educação contínua. A duração do curso oferecido é de 2 anos e seus encontros são 2 vezes por semana (UEPB, acesso em 03 de outubro de 2014).

Trata-se de uma proposta de inclusão que teve seu surgimento no ano de 2009, contando com o apoio da Administração Central da UEPB e seu corpo docente, com o objetivo de oferecer ensino-aprendizagem aos idosos, para aqueles e aquelas que pretendem continuar seu aprendizado. Tem como coordenador o professor Manoel Freire, e esta "iniciativa nasceu a partir de uma experiência que ele conheceu na Espanha durante seu mestrado realizado em 2006" (UEPB, acesso em 03 de outubro de 2014).

A instituição abrange alunos com mais de 60 anos de idade, das áreas de Campina Grande, assim como de todo o estado da Paraíba, contribuindo para o desenvolvimento social dos idosos paraibanos, oferecendo-lhes conhecimento sobre: "Saúde (Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Odontologia, Biologia e Psicologia), Pedagogia, Serviço social, Letras, Direito, Arte e Cultura. E, para conclusão do curso, a elaboração de um memorial sobre a vida do aluno concluinte". Além das áreas de conhecimento, os alunos ainda têm acesso a "aulas de Nutrição, Informática, Língua Estrangeira e também se divertem com dança, coral, ginástica funcional, visitas culturais, artesanato, passeios e excursões" (UEPB, acesso em 03 de outubro de 2014).

A UAMA, além de estar no Campus I da UEPB, também está situada no Centro de Ciências Agrárias e Ambientais (CCAA), no Campus de Lagoa Seca na Paraíba, a fim de garantir a acolhida a outros idosos da região:

Uma casa cercada por natureza, repleta de árvores frutíferas e com a presença constante de animais, como pássaros e saguis, que podem ser alimentados bem de perto. Este poderia ser o cenário perfeito de uma história infantil, mas, na verdade, trata-se da nova sede da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA), projeto de educação de idosos, vinculado à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que funciona no Câmpus I, em Campina Grande.

O local, que serve de sala de aula e centro de atividades e lazer, foi reformado em 2013, ocupado no último mês de outubro e marca uma grande conquista nestes cinco anos de existência da UAMA, criada e coordenada pelo professor Manoel Freire de Oliveira Neto, vinculado ao Departamento de Educação Física da UEPB (UEPB, acesso em 03 de outubro de 2014).



Imagem 3: Universidade Aberta à Maturidade (UAMA/UEPB)

Além da convivência em sala de aula e do contínuo aprendizado, “busca promover cursos em parceria com a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP) e com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), além da Cozinha Brasil, um programa do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial” (SENAC) (UEPB, acesso em 03 de outubro de 2014).

A UAMA é uma iniciativa promissora que já tem contribuído com a mudança significativa de muitos idosos, e que continuará a se expandir por longos anos, abrangendo também outras cidades do Estado da Paraíba. O objetivo de levar à terceira idade um aprendizado contínuo embasa a proposta inclusiva, que deve ser respeitada e imitada por outras instituições de ensino superior, como foi o caso da UEPB, visto que a faixa etária de idosos vem crescendo³, incessantemente.

O Programa Universidade Aberta à Maturidade – UAMA, permite aos seus participantes o contato, não apenas com o saber, mas também, com o ambiente universitário e suas riquezas múltiplas, além da convivência com pessoas da mesma faixa de idade e/ou intergeracionais, promovendo atividades de ensino, pesquisa e extensão (UEPB, acesso em 03 de outubro de 2014).

2.1 O conceito de aprendizagem e sua relação com as TICs

A construção do conhecimento esteve por muito tempo associada ao instrucionismo, e “é conhecida no campo das ciências naturais apenas pelo ensino, instrução, treino e domesticação do aluno, de fora para dentro e de cima para baixo. Na hermenêutica a mente humana é interpretativa, reconstrutiva, e não reprodutiva”, na qual o “conhecimento não se reproduz se constrói” (DEMO, 2005, p. 9 e 10). Já o papel do professor é de estimular o aprendizado do aluno e orientá-lo no seu entendimento. Assim, segue “o estilo maiêutico, de dentro para fora”. “Os procedimentos dominantes, entretanto, são instrucionistas: o que fazemos na universidade, como regra, é dar e escutar aula” (DEMO, 2005, p. 36).

Tudo que entra na mente, entra de modo mediado pelos sentidos e cérebro, de forma sempre reconstruída, interpretada. Autopoiese - apesar da polêmica em torno deste termo - quer realçar a relativa autonomia do ser vivo com respeito a pressões externas: estas o forçam a adaptar-se, mas a adaptação é também sempre movimento de dentro para fora. A rigor, não é a realidade externa que simplesmente se impõe, é a mente que a

³ “Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), até o ano de 2025, o Brasil será o sexto país do mundo em população idosa” (LOPES, 2012, p. 27).

reconhece e a reconstrói, do ponto de vista do observador, como diria Maturana (DEMO, 2005, p. 10).

O autor quer nos dizer que devemos valorizar a reconstrução dos saberes aprendidos, e não sua mera repetição. Desse modo, o conhecimento se dá através de uma interpretação prévia que ao longo do tempo transforma-se em aprendizado ou conhecimento adquirido por construções de uma realidade. Assim, a mente humana perpassa o conhecimento aprendido de forma diferente do que foi ouvido, pois não "repassamos" a história, e sim a reconstruímos com interpretações diferentes. Somos seres pensantes que, ao contrário das máquinas, que gravam uma história e as repassam do mesmo modo ao longo do tempo, conforme foi nelas gravada. Elas não são "autopoiéticas", e assim só sabem reproduzir a informação, porque são "equipamentos lineares" (DEMO, 2005), diferentes de nós, que podemos atribuir sentidos ao que vemos, lemos, ouvimos:

O ser vivo, em particular, o ser humano é eminentemente semântico, capta e produz sentido e significado, entende por linhas tortas, vislumbra lógica na falta de lógica e falta de lógica, interpreta ausências e silêncios como mensagens, perscruta na greta das palavras e falas, percebe o dito no não dito, depreende a revelia do ato falho (DEMO, 2005, p. 10).

Assim, é através do conhecimento que a mente humana é capaz de construir e reconstruir histórias. Sabendo aprender e conhecer criticamente, o sujeito passará a exercer a "politicidade" de não apenas ser alvo do que vem à tona, mas sim ser um "sujeito", apto a decidir e transformar o aprendizado em "história própria", sendo responsável pelos saberes aprendidos. A inteligência depende, nesse sentido, de responsabilidade pessoal, conforme nos ressalta Nascimento (2013):

O devir contemporâneo, profundamente perpassado por mudanças decorrentes da esfera tecnológica, cujos aspectos influenciam os âmbitos coletivos impondo o signo da velocidade nas relações sociais, cobra, por sua vez, uma resignificação dos processos educativos na direção de projetos emancipatórios para o mundo vivido que suscitem nos seres humanos o desejo e a possibilidade de assumirem a responsabilidade pelo desenvolvimento de sua própria inteligência (NASCIMENTO, 2013, p. 63).

A tradição do ensino não valoriza essa capacidade e através do "instrucionismo" tem tomando caminhos diferentes no decorrer dos anos, visto que a aprendizagem é "reconstrutiva". Os alunos passam a vivenciar aprendizados e exercer o método de argumentar, sendo mediadores dos saberes. Assim, o ensino é interpretado e absorvido pela mente, que passa a ter a capacidade de "intervir" nas questões apresentadas, demonstrando maior desempenho do que se aprendeu,

sabendo-se que "a glória do professor é o aluno que sabe pensar" (DEMO, 2005, p.13).

[...] somos sujeitos do que sucede em nossa mente, revelando esta característica o sentido da autonomia da aprendizagem, com base em dinâmica auto-referente. A realidade externa não depende de que a pensemos para que exista, mas não temos em nós 'a' realidade, temos aquela que podemos/sabemos captar, sempre a nosso modo, do ponto de vista do observador. Biologicamente falando, o cérebro é máquina interpretativa, que capta a realidade de modo seletivo, ativo, construtivo, nunca se restringindo a simples 'porta-voz'. Esta maneira de ver da biologia corresponde plenamente à hermenêutica interpretativa, já tradicional na epistemologia filosófica: para além da sintaxe, somos tipicamente semânticos, atribuindo sentidos, sabendo captar sinais ambíguos, entendendo silêncios e ausências, deduzindo pela exclusão, induzindo pela falta, de estilo sempre reconstrutivo (DEMO, 2005, p. 22).

A função cerebral é muito mais do que responsável por pensar, ela é a construtora de interpretações únicas, que vão além do ponto de partida, e transformam-se em realidades construídas pela criatividade da mente humana. Nisto, a aprendizagem no aluno *precisa desenvolver habilidades de dentro para fora*, que são os caminhos propostos pela UAMA para os idosos:

Pesquisa: através dela os alunos buscam entender o que lhe foi ensinado, utilizando-se de recursos explanatórios para melhor compreender o ensino. "Quem não pesquisa não aprende, pois continua copiando, reproduzindo, imitando" (DEMO, 2005, p.33). Assim, o conhecimento é reconstruído com *autonomia*;

Elaboração própria: o conhecimento adquirido passa a fazer parte da própria ideia do aluno, que através desse aprendizado, cresce e se desenvolve como pessoa. Assim, sua concepção dos assuntos não é manipulada por ideias contraditórias, e sim argumentativa e interpretativa de tais conceitos. "Afinal, lemos autor para nos tornarmos autor, não mero porta-voz" (DEMO, 2005, p. 33).

Argumentação: passar a utilizar mais frequentemente a habilidade crítica, de questionar o que se aprende, através de um prévio conhecimento para transformá-lo em questionamento, pois há fundamentação, ou seja, "quem não sabe pensar, acredita no que pensa, mas quem sabe pensar, questiona o que pensa" (DEMO, 2005, p. 33).

Espírito crítico: através de um conhecimento fundamentado no assunto, é possível criticar com segurança, sobre qualquer tema exposto, considerando que essa crítica deve exercer o papel de construtiva para favorecer "alternativas mais inteligentes de conhecimento" (DEMO, 2005, p 34). Isso só é concebido, através de aprofundamento a partir de *leituras críticas* fundamentadas.

Comunicação desimpedida e bem-educada: na comunicação crítica, deve ser estabelecido um diálogo respeitoso, considerando a ideia do próximo, como direito à *liberdade de expressão*. Assim, todos os saberes serão ouvidos e a cidadania será prontamente exercida por todos.

Nesse contexto, o professor/mediador do processo de aprendizagem também precisa transmitir ações *de dentro para fora*, como:

Orientação: transmissão ou disseminação de conhecimento para os alunos de forma “dinâmica”, possibilitando sua aprendizagem. Deixando de lado o método estúpido de ensinar através da “postura” de “capataz”. Ensinar ao aluno que ele deve pensar e não esperar que o professor pense por ele.

Avaliação: a missão do professor é ensinar para o aluno aprender. É notório que isso se dá através de verificação de cada momento para situar se realmente o aluno está no caminho certo. E o método da tradicional prova, não seria apenas o único recurso para testar a habilidade do aprendiz de cada aluno, mas sim instigar a avaliação contínua, que ao longo de todas as semanas (re) construirá conhecimentos que darão resultado ao fim dos meses, com material suficiente para avaliar seu desempenho e *saberes*.

Produção própria de conhecimento: o aluno vê no seu professor/mediador um exemplo a ser seguido, e para que esta concepção não seja decepcionada, é preciso que o professor transmita segurança e domínio do que perpassa aos seus alunos. “É imprescindível deter material didático próprio, textos próprios, ocupar espaço científico próprio, ser conhecido como capaz de gerar e gerir conhecimento” (DEMO, 2005, p. 36). Assim, o aluno encontra auxílio imediato para suas “dúvidas” na habilidade de conhecimento do seu professor/mediador.

Aprendizagem permanente: aquele que melhor ensina, com certeza nunca parou de aprender. O professor deve ser um “eterno aprendiz”. Através do método de aprendizagem permanente o professor não apenas disseminará o conhecimento adquirido pelos grandes autores de documentos científicos, mas perpassará aos que lhe ouvem, reconstruções de conhecimentos interpretados por ele próprio, pois “quem não reconstrói conhecimento, só pode repassar a sucata disponível” (DEMO, 2005, p. 36).

Assim, “todos esses desafios têm em comum a noção de dinâmica de dentro para fora, de teor tipicamente formativo, autopoietico e auto-referente” (DEMO,

2005, p. 36). Neste sentido, o que em sua maioria, o professor vai fazer na universidade ou escola é de fato: “dar aula”. E quanto aos alunos: assistir aula. Porém a realidade é que “aprender não se correlaciona com escutar aula, tanto por constituição biológica, quanto por condição epistemológica” (DEMO, 2005, p. 36). Pois, o ensino do que já está pronto e a exigência dessa repetição em um teste avaliativo, não estimula o aprendiz a pensar, e sim a reproduzir ou copiar o que já foi dito, como se tal conceito fosse a conclusão de todas as opiniões sobre o mesmo tema. “Encurta os caminhos”, pois não dá a oportunidade do aluno ler e interpretar o que foi ensinado. Esse método, ao longo do tempo faz com que as informações “decoradas” sejam facilmente esquecidas, pois não houve realmente um aprendizado. Nessa concepção, compreende-se que a construção do conhecimento através do ensino-aprendizagem contínuo entre o aluno e o professor, resulta em um alcance maior do ensino, pois possibilita a interação dinâmica, crítica e participativa de ambas as partes.

Conhecimento e aprendizagem são duas categorias vitais par nossa autonomia, pois facultam não nos render a um destino predeterminado, mas procurar alçar vôos cada vez mais elevados. [...] A universidade deveria ser lugar privilegiado deste exercício de autonomia. [...] A universidade é, de fato, excepcionalmente importante, quando representa este cenário crucial da saga humana: conhecer e aprender (DEMO, 2005, p. 47).

Para atingir a “dimensão intensa do conhecimento” é preciso reconstruir e desconstruir os conteúdos perpassados, para não estabelecer a “memorização” e sim estabelecer autonomia para o aluno, que poderá exercer sua liberdade de “pensar, implicando habilidade própria de iniciativa, ritmo produtivo de conhecimento, capacidade de pesquisa e elaboração, arte de argumentar e contra-argumentar” (DEMO, 2005, p. 84).

Com os avanços do mundo moderno, os professores passaram, a ter que se especializar em áreas que outrora existiam pessoas específicas para lidar com públicos difíceis. Essa mudança passou a exigir que tais educadores possuam competências diversas para lidar com todos os públicos, decorrentes das transformações dos atuais sistemas de ensino-aprendizagem. Assim, a noção de competência se transforma dependendo das demandas educacionais:

As representações e as novas práticas pedagógicas desenvolvem-se de forma progressiva. Em primeiro lugar, são aplicadas em escolas e classes atípicas, muito antes de serem reconhecidas e adotadas pela instituição e pela profissão, ainda que, em cada momento da história de um sistema educativo, observe-se um amplo leque de práticas – e, portanto, de

competências – que vão das mais tradicionais às mais inovadoras (PERRENOUD, 2001, p. 02).

Nesta concepção “existe hoje um referencial que identifica cerca de 50 competências cruciais na profissão de educador” (PERRENOUD, 2001, p. 01).

Competência é uma palavra do senso comum, utilizada para designar uma pessoa qualificada para realizar alguma coisa. O seu oposto, ou o seu antônimo, não implica apenas a negação desta capacidade, mas guarda um sentimento pejorativo, depreciativo. Chega mesmo a sinalizar que a pessoa se encontra ou se encontrará brevemente marginalizada dos circuitos de trabalho e de reconhecimento social (FLEURY E FLEURY, 2001, p. 184).

Essas competências são divididas em *dez grandes famílias*, conforme citam os autores:

1. *Organizar e estimular situações de aprendizagem.*
2. *Gerar a progressão das aprendizagens.*
3. *Conceber e fazer com que os dispositivos de diferenciação evoluam.*
4. *Envolver os alunos em suas aprendizagens e no trabalho.*
5. *Trabalhar em equipe.*
6. *Participar da gestão da escola.*
7. *Informar e envolver os pais.*
8. *Utilizar as novas tecnologias.*
9. *Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão.*
10. *Gerar sua própria formação contínua.*

Na UAMA, o ensino é pautado na criatividade e no respeito à dinâmica do público, que traz em si as marcas das vivências de diferentes saberes, sendo mais aberto à construção de competências transversais que os aproximem do mundo:

[...] Por isso, as novas competências exigidas estão relacionadas tanto a didáticas pontuais, baseadas nas ciências cognitivas, quanto a enfoques transversais que aliam a psicanálise e a sociologia, que visam a criar ou a manter – e, portanto, a explicar e a compreender – o desejo de aprender, o sentido dos saberes, o envolvimento do sujeito na relação pedagógica e a construção de um projeto (PERRENOUD, 2001, p. 03 e 06).

Na pedagogia de Paulo Freire a educação é “um processo de emancipação dos seres humanos, enquanto classe ou como indivíduos; uma proposição dialógica”

(BERTOLINI, 2010, p. 127). Neste sentido o crescimento do conhecimento se dá através da educação, e esse processo ocorre em qualquer faixa etária.

Segundo o pensamento freireano, as pessoas são “seres em relação com o outro e com o mundo”, pois possuem o poder de criar e recriar “a cultura” a seu modo. Assim, a própria natureza da educação “é dialógica, mediatizada pelo conhecimento”. E “as condições” para que esse diálogo aconteça procedem do “amor ao mundo e as pessoas, a humildade, a fé nas pessoas”, e “a esperança” (BERTOLINI, 2010, p. 130). Para Paulo Freire, o diálogo deve estar presente até nas diferenças, pois é uma forma de estabelecer uma compreensão sobre tais diferenças, e não excluí-las dos processos educativos. A diferença deve ser superada, interagindo-se com outras pessoas, e não ser mantida isolada. Daí a necessidade de se preservar o diálogo na educação:

O amor é simultaneamente, a base do diálogo e o próprio diálogo...Uma vez que o amor é um ato de coragem, e não de medo, o amor é a entrega aos outros. Não importa onde se encontrem os oprimidos, o ato de amor é entrega à sua causa – a causa da libertação. E esta entrega, porque é amor, é dialógica. [...] Se eu não amar o mundo – se eu não amar a vida – não consigo entrar em diálogo (BERTOLINI, 2010, p. 130).

Para que este diálogo aconteça, é preciso “amar ao próximo como a si mesmo” (MATEUS, 22.39), para estabelecer, assim, laços de sociabilidade, que permitirão ouvir opiniões contrárias e compreendê-las. Através dessa compreensão, as vozes oprimidas terão vigor para se pronunciar. Os idosos em sua maioria sentem-se impedidos de manifestar seus desejos quando buscam a interação com pessoas mais jovens, pois a maioria destes jovens não respeitam opiniões que geralmente os confrontam. Assim, muitos idosos sofrem a exclusão social, derivada da falta de diálogo. Quando se inserem em programas de educação permanente, veem que a convivência entre pessoas da mesma idade são iniciativas de estímulo a vivência social, não se importando mais com as críticas que poderão, ou não receber, daqueles que os ouvem, pois os vínculos criados permitem oportunidades de fala e ação.

Para Paulo Freire a “história da educação”, nada mais é que a história “de pessoas”, e não apenas de “fatos”. Todo o processo das “histórias” de vida tem uma transformação, que se refaz nos sentidos e significados, e na construção da “história social” de cada indivíduo – através do diálogo. Ainda para o autor, “o conhecimento não se transfere” e sim “se sabe, se conhece, se cria, se recria, curiosamente, arriscadamente” (BERTOLINI, 2010, p. 134).

Neste pensamento, é possível observar que a liberdade do aluno se expressar, mediante a sua compreensão de mundo, deve ser em suma, uma habilidade a ser estimulada. Assim, os idosos, ainda que com suas limitações, devem aprender a se expressar livremente, exercendo seu direito à cidadania. É isso que constrói uma educação emancipatória ao longo da vida, pautada na liberdade dialógica de aprender. Sobre essa realidade Paulo Freire adverte que os professores devem desenvolver:

[...] a dialogicidade, começo de tudo, a humildade, o respeito muito grande à capacidade do aluno; deve desenvolver uma relação também de profundo respeito, afetuosa, quase amorosa, com o tema a ser tratado. Colocar-se como coparticipante do grupo, numa relação radicalmente dialógica e amorosa, é uma opção político-pedagógica. Assumir-se *professor*, educador democrático, que está com os educandos, e que, saindo, fica... deixando saudades...(BERTOLINI, 2010, p. 135).

A interação do mediador e do aluno, segundo Freire, deve ser recíproca e com bons laços de sociabilidade, possibilitando habilidades na aprendizagem, pois o “ensinar” e o “aprender” é um “ciclo de conhecimento: o momento em que se produz o conhecimento inexistente, em que se cria o conhecimento que ainda não existe; e o momento em que se conhece o conhecimento que já existe” (BERTOLINI, 2010, p. 135-136). Dessa forma, a pedagogia de Paulo Freire continua a vigorar em uma “alternativa” de qualidade e renovação a ser tomada como princípio, para o bem do “educador” e do “educando”, na qual segue:

[...] a dinamicidade de uma pedagogia antiautoritária, dialógica e interativa, que busca permanentemente a coerência, a relação prática-teoria-prática, a formação permanente, a participação e a dialogicidade, resgatando o poder dos diversos sujeitos da prática pedagógica: sujeitos histórico-sociais, de cultura, de saber, de poder...e de amor! (BERTOLINI, 2010, p.142-143).

O ensino da maturidade e na maturidade considera essa assertiva, uma vez que torna visível o aprendizado dos idosos através do diálogo que emancipa e educa.

Sobre essa questão, Pedro Demo também afirma que o processo de conhecimento e aprendizagem são processos não lineares, pois “o ser humano é capaz de armar contexto de oportunidades que ele mesmo pode potencializar, dependendo de saber pensar” (DEMO, 2002, p. 123). Esse processo do “saber pensar” começa com a habilidade de saber criticar, e reconhecer seus limites; saber exercer um questionamento crítico diante de algum ponto que outrora, já foi dito; “saber pensar precisa incluir habilidades como saber cuidar, inovar, acreditar,

comunicar [...], necessita incluir, obviamente, também a habilidade lógica” (DEMO, 2002, p. 124).

Como já foi dito anteriormente, o método do ensino tem se fundamentado em uma tradição reprodutiva de conhecimentos, na qual *o professor fala, e o aluno escuta, toma nota e coloca na prova*. Nessa concepção o conhecimento é reprodutivo. A não-linearidade do conhecimento estabelece uma aprendizagem construtiva, reconstrutiva, através de interpretações que *mudam o que interpreta* (DEMO, 2002).

A complexidade da aprendizagem manifesta-se vivamente em procedimentos individuais e coletivos, geralmente reduzidos a didáticas lineares. [...] A aprendizagem coletiva é hoje vista com olhos mais complacentes, mas tende a ser “linearizada” facilmente. [...] A pedagogia interativa opta pela influência indireta sobre o educando, para que seja viável aprender a resistir à influência direta (DEMO, 2002, p. 142 e 177).

A educação em geral deve “forjar” no aprendiz, a manutenção do pensamento crítico, aliado a conceitos fundamentados. Essa iniciativa deve ser aplicada ao longo da vida, fazendo com que tais alunos exerçam “uma ação autônoma” de “pensamento livre”, pois nisso reside o papel de formar cidadãos com uma educação que é um “guia permanente” para a vida. Nestes termos, o ensino deve ser um processo de “construção da capacidade de discernimento”, que possibilita a conciliação entre o dever e o direito, respeitando aos outros como a si mesmos (DELORS, 2001). É essa educação que, conforme Delors (2001), constrói os conceitos de cidadania e democracia:

[...] Convém apoiar-se na Educação permanente para construir uma sociedade civil ativa que, entre os indivíduos dispersos e o longínquo poder político, permita cada um assumir a sua parte de responsabilidade como cidadão ao serviço de um destino autenticamente solidário. A educação dos cidadãos deve realizar-se durante toda a vida para se tornar uma linha de força da sociedade civil e da democracia viva (DELORS, 2001, p. 63).

Para Morin (2000), urge conhecer os sete saberes fundamentais da educação do futuro, que ele os denomina como sendo “buracos negros” que abordam problemas específicos de cada nível da educação, muitas vezes negligenciados pelos programas educacionais e que devem ser colocados como princípio de resolução para a formação integral dos educandos, em qualquer idade.

O primeiro é *AS CEGUEIRAS DO CONHECIMENTO: O ERRO E A ILUSÃO*: “todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão” (MORIN, 2000, p. 19). Possuímos a tendência de afirmar que a realidade é tudo o que pensamos. Assim, o conhecimento deve ser ensinado que o mesmo é tradução e reconstrução. Através

do conhecimento prévio, o ser humano faz suas escolhas sobre a visão de mundo, e atrelado às suas ideias defende com unhas e dentes, o que acredita, pois a ideia que lhe convenceu é a razão de seu conhecimento. Nessa concepção, Morin afirma que é preciso ensinar que o conhecimento além de ser carregado de verdades, também “comporta riscos de erros e ilusões”, mostrando assim aos aprendizes quais são as “raízes e causas” de tal conhecimento (MORIN, 2000). É preciso “civilizar nossas teorias, ou seja, desenvolver nova geração de teorias abertas, racionais, críticas, reflexivas, autocríticas, aptas a se auto-reformar” (MORIN, 2000, p. 32).

O segundo é o *OS PRINCÍPIOS DO CONHECIMENTO PERTINENTE*: “O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram” (MORIN, 2000, p. 36). Assim, tudo tem um contexto e para que os saberes aprendidos sejam pertinentes, é preciso que haja contextualização. Nesse sentido, um conhecimento é atrelado a outro, por ter uma história passada ou presente que estabelece a sua função de contexto, e que nos permite compreender a sua função como um todo. Assim, Morin adverte que o estudo não pode ser limitado a uma única disciplina, pois isso “atrofia” a “atitude natural” da forma de “contextualizar”, mas sim deve ser estudado com amplitude por todas as outras, considerando o real significado do conhecimento (MORIN, 2000).

O terceiro é *ENSINAR A CONDIÇÃO HUMANA*: Morin afirma que a condição humana não é descrita em lugar algum, como deveria ser, já que o *homo sapiens* faz parte da composição de tudo o que também existe no planeta. O autor ainda declara que as ciências existentes estudam a vida humana, em partes individuais, na qual cada uma designa uma compreensão diferente:

“A complexidade humana não poderia ser compreendida dissociada dos elementos que a constituem: **todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana**” (MORIN, 2000, p. 55).

Assim, a “complexidade humana” só pode ser pensada com “unidade” e também “multiplicidade”. Nesse sentido, o estudo da condição humana se faz necessário em todas as disciplinas (MORIN, 2000).

O quarto é *ENSINAR A IDENTIDADE TERRENA*: A compreensão “visa” entender o ser “humano” como “sujeito”, e não apenas como “objeto” de estudo. Morin argumenta que hoje, é muito difícil que as pessoas compreendam umas as

outras, considerando o “individualismo” existente no planeta. O egocentrismo é frequente na sociedade. Temos o processo de auto justificação, na qual a palavra do outro, vale menos que a nossa, e o reduzimos às suas “características negativas”. Dentre esse defeito, que está aliado a nossa raça humana, ainda possuímos o defeito da “indiferença” pelo outro. “[...] é necessário aprender a ‘estar aqui’ no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente nas – e por meio de – culturas singulares” (MORIN, 2000, p. 76). Cada indivíduo deve seguir o que Montaigne denominou de autoexame da consciência no qual olhando-se para si, veremos erros maiores que o do próximo. O “ensino da compreensão” se faz necessário sempre, pois o mundo em que vivemos já possui muita incompreensão.

O quinto é *ENFRENTAR AS INCERTEZAS*: O que muito se ensina, são as certezas, e não as incertezas. Morin, afirma que devem ser ensinadas também as incertezas. “O conhecimento é, pois, uma aventura incerta que comporta em si mesma, permanentemente, o risco de ilusão e de erro” (MORIN, 2000, p. 86). Não sabemos o que acontecerá amanhã, ou seja, tudo pode acontecer, e é preciso que estejamos preparados para “enfrentar o inesperado”. “O surgimento do novo não pode ser previsto, senão não seria novo. O surgimento de uma criação não pode ser conhecido por antecipação, senão não haveria criação” (MORIN, 2000, p. 81).

O sexto é *ENSINAR A COMPREENSÃO*: Os chamados “tempos modernos”, têm se intensificado por todo o planeta de forma frenética a ponto de destruir tudo o que um dia foi criado. Apesar da multiplicação da globalização ter se expandido pelo planeta Terra, com inovações tecnológicas de comunicação capazes de unir ainda mais as pessoas, infelizmente acontece o contrário. O individualismo, o egocentrismo e a “incompreensão” permanecem gerais. “Sem dúvida, há importantes e múltiplos progressos da compreensão, mas o avanço da incompreensão parece ainda maior” (MORIN, 2000, p. 93). Nesse sentido a educação exerce papel fundamental de “ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantida da solidariedade intelectual e moral da humanidade” (MORIN, 2000, p. 93). Compreender significa antes de tudo, aprender que “eu” não sou melhor do que ninguém, e que os seres humanos são todos iguais, mesmo com as dimensões da ‘multiculturalidade’. Assim, o “espírito redutor” oriundo da ganância

e arrogância, não terá espaço na vida cotidiana dos seres humanos, mas sim a humildade, oriunda do amor que une laços com ‘sociabilidade’ e “tolerância”.

O sétimo e último “buraco negro” é *A ÉTICA DO GÊNERO HUMANO*: Refere-se “à ética em escala humana”. A ética conduz o indivíduo/espécie a tomar suas próprias decisões, que é a democracia. É o exemplo das eleições que cada eleitor pode escolher seus representantes ou “controladores”. Através dessa democracia “a plenitude” do ser humano passa a ser um cidadão responsável de suas ações. Sobre a ética do gênero humano, Morin considera a fragilidade do ensino, que para se realizar uma reforma neste, precisa-se que antes os “espíritos” sejam reformulados e “vice-versa”. É preciso que os educadores eduquem-se a si mesmos, antes de exigir alguma reforma na personalidade de seus educandos, e assim enxerguem as “necessidades” que existem na “sociedade”, propiciando melhoras significativas para todos (MORIN, 2000).

Assim:

A educação deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro. Simultaneamente, compete-lhe encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficar submergidas nas ondas de informações, mais ou menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados e as levem a orientar-se para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos. À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele (DELORS, 2001, p. 89).

A procura pelo conhecimento deve estar insaciavelmente na vida de qualquer pessoa, pois o cotidiano é bombardeado por inovações, descobertas e transformações, que cabem a cada um explorar, atualizar-se, aprofundar e se enriquecer de conhecimentos que permeiam “um mundo em mudança”. Nesse sentido, a educação deve priorizar “quatro aprendizagens”, que são fundamentais a vida de cada pessoa, pois são os “pilares do conhecimento”. Segundo Delors (2001), os quatro pilares da educação são:

APRENDER A CONHECER: Diz respeito a “adquirir os instrumentos da compreensão” (DELORS, 2001, p. 90). Significa a finalidade de fazer com que cada um aprenda a compreender tudo o que lhe cerca neste mundo, estabelecendo uma vivência feliz e sabendo apreciar o conhecimento.

O aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a

aquisição de autonomia na capacidade de discernir. [...] a formação inicial deve fornecer a todos os alunos instrumentos, conceitos e referências resultantes dos avanços das ciências e dos paradigmas do nosso tempo (DELORS, 2001, p. 91).

APRENDER A FAZER: “para poder agir sobre o meio envolvente” (DELORS, 2001, p. 93). Saber ensinar o aprendiz a colocar em prática seus conhecimentos, pela vida inteira, e não apenas enquanto aluno, sabendo que o conhecimento é levado no viver diário. Adquirir competências para que a pessoa esteja sempre apta a lidar com as mudanças do mundo:

Aprender a fazer não pode, pois, continuar a ter o significado simples de preparar alguém para uma tarefa material bem determinada, para fazê-lo participar no fabrico de alguma coisa. Como consequência, as aprendizagens devem evoluir e não podem mais ser consideradas como simples transmissão de práticas mais ou menos rotineiras, embora estas continuem a ter um valor formativo que não é de desprezar (DELORS, 2001, p. 93).

APRENDER A VIVER JUNTOS, APRENDER A VIVER COM OS OUTROS: “a fim de cooperar com os outros em todas as atividades humanas” (DELORS, 2001, p. 90). É um desafio para a educação, pois o atual cenário mundial está repleto de violências que potencializam a “autodestruição” da humanidade nos últimos tempos. Assim, a educação é ensinada para que todos vivam pacificamente e lutem contra os “preconceitos”, que favorecem o “conflito”.

[...] a educação deve utilizar duas vias complementares. Num primeiro nível, a descoberta progressiva do outro. Num segundo nível, e ao longo de toda a vida, a participação em projetos comuns, que parece ser um método eficaz para evitar ou resolver conflitos latentes (DELORS, 2001, p. 97).

Assim, a educação assume papel fundamental na missão de disseminar o conhecimento sobre a ‘multiculturalidade’ existente no mundo, fazendo com que este conhecimento seja de respeito frente às diferenças existentes. Através do conhecimento de si mesmos cada um poderá identificar que não é o próximo apenas que possui diferenças, mas que dentro e fora de nós existem diferenças enxergadas pelos outros. O respeito deve ser mútuo, considerando que todos somos iguais. “Quando se trabalha em conjunto sobre projetos motivadores e fora do habitual, as diferenças e até os conflitos interindividuais tendem a reduzir-se, chegando a desaparecer” (DELORS, 2001, p. 98).

E por fim, *APRENDER A SER*: “via essencial que integra as três precedentes. [...] a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa” (DELORS, 2001, p. 99). Assim, a preparação do ser humano enquanto sendo aprendiz, deve

estimulá-lo para saber “decidir, por si mesmo” e saber “agir” nas diversas situações da “vida”.

[...] a educação parece ter, como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos do seu próprio destino (DELORS, 2001, p. 100).

A educação é um processo construtivo na vida social de cada pessoa, e seu contínuo processo de conhecimento é uma ampliação constante de saberes para toda a vida. Nesse sentido os idosos ativos aprendem a estabelecer conceitos de aprendizagem para a vida inteira.

A educação ao longo de toda a vida não é um ideal longínquo, mas uma realidade que tende, cada vez mais, a inscrever-se nos fatos, no seio de uma paisagem educativa complexa, marcada por um conjunto de alterações que a tornam cada vez mais necessária (DELORS, 2001, p. 104).

E ainda:

A educação ao longo de toda a vida é uma construção contínua da pessoa humana, do seu saber e das suas aptidões, mas também da sua capacidade de discernir e agir. Deve leva-la a tomar consciência de si própria e do meio que a envolve e a desempenhar o papel social que lhe cabe no mundo (DELORS, 2001, p. 106).

A educação continuada é, portanto: “o produto de uma dialética com várias dimensões” (DELORS, 2001, p. 107).

A Educação pode assumir uma outra dimensão em que o ensinar pode ter um outro significado: proporcionar condições para que a aprendizagem seja produto de um processo de construção de conhecimento que o aprendiz realiza na interação com o mundo dos objetos e do social. Neste sentido, aprender significa o aprendiz ser capaz de utilizar sua experiência de vida e conhecimentos já adquiridos na atribuição de novos significados e na transformação da informação obtida, convertendo-a em conhecimento (VALENTE, 2001, p. 02).

Conforme Piaget afirmou “a pessoa tem a capacidade de aprender a todo o momento”, desse modo nunca é tarde para voltar à sala de aula. A aprendizagem na terceira idade é muito semelhante à aprendizagem da infância, pois há uma “predisposição” para o novo e as descobertas. Essa aprendizagem é centrada em objetivos fundamentados e em superações dos desafios e obstáculos apresentados pela vida, e que muitas vezes inibe o idoso, antes de chegar a maturidade de fazer o que gosta. Vai ser na denominada “terceira idade” que ele se vê livre para assumir

suas novas escolhas. É nesse sentido que muitas instituições estão anexando a sua estrutura administrativa e a seus programas educacionais, o estímulo ao ensino-aprendizagem nesse período da vida, momento em que novas expectativas são criadas e os saberes podem circular coletivamente.

No ensino da maturidade, a metodologia e os assuntos curriculares são diferentes se comparados ao currículo de um curso tradicional, pois este exige mais do aprendiz e sua duração se dá em maior tempo. O que se enfatiza nos programas educacionais para a terceira idade não é a “transmissão de informação, mas a discussão em grupo”. Assim, as ideias de cada um são levadas em conta, cultivando então a “heterogeneidade” de ricos conhecimentos (VALENTE, 2001).

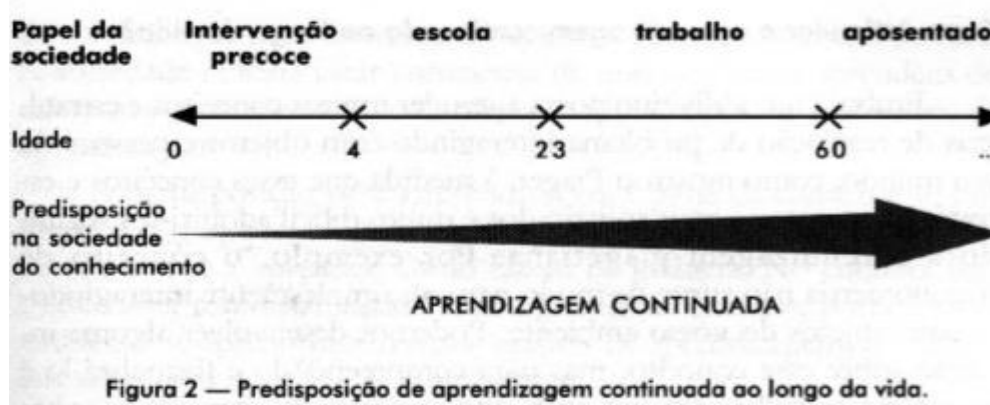
Nessa concepção, não só a fala através de diálogos de cada aluno idoso, mas também sua expressão em uma escrita é considerada como expressiva informação de um discurso carregado por instrumentos de discussão e experiências, contadas na maior simplicidade de um ser, que carrega dentro de si experiências incontáveis e de grande valor. Nesse aspecto, a educação para esse público pode ser entendida à luz da complexidade, porque incorpora a subjetividade dos aprendizes (NASCIMENTO, 2013):

A aprendizagem não se restringe aos objetivos didáticos e nem estes esgotam o dinamismo do conhecimento. As normas são estratégias da ordem da informação e não podem ser entendidas como instrumentos de conformação (MORIN, 1973 apud NASCIMENTO, 2013, p. 94).

Desta forma, todo conhecimento expresso e construído pela pessoa idosa constitui um fator fundamental na dinâmica de saberes complementares à vida dos demais, que também não se conformam com “o peso da idade” e caminham para o encontro com novas vivências sociais.

Abaixo, transcrevemos um modelo proposto por Valente (2001), que retrata o processo da aprendizagem na maturidade:

APRENDIZAGEM CONTINUADA AO LONGO DA VIDA O EXEMPLO DA TERCEIRA IDADE



Fonte: Valente, 2001, p. 12.
Imagem 4: Aprendizagem ao longo da vida.

Valente (2001) mostra-nos, assim, duas figuras que representam a crescente vontade de aprender novos saberes entre os idosos. O autor ainda adverte sobre a escola trabalhar com a “predisposição de caçador-ativo”, que estimula o aprendiz a buscar sempre maior abrangência de aprendizado. Mostra-nos ainda que a faixa etária da terceira idade tem grande disposição em aprender e continuar a aprender ao longo da vida.

Nesse sentido, os programas de educação para a faixa etária de idosos:

[...] contribuem continuamente para a melhoria da qualidade de vida da população idosa, mediante as atividades de ensino, de pesquisa e de extensão, visando principalmente à preservação das capacidades cognitivas e cerebrais, uma vez que sem o cérebro nenhuma atividade física ou artística poderia ser realizada (LOPES, 2012, p. 30).

O estímulo a uma vida ativa gera consequências agradáveis para cada idoso, ainda que sejam registrados pontos negativos que acompanham a velhice, e que de alguma forma mexem com os reais sentidos que mantêm a mente humana em funcionamento: o exemplo do Alzheimer⁴, uma doença que acarreta danos à capacidade cerebral de cada indivíduo. Assim, é necessário estímulos a uma aprendizagem continuada, uma vez que o funcionamento cerebral depende de nossas atitudes para mantê-lo ativo.

O aprendizado dos idosos tem aumentado com as ferramentas digitais, visto que o mercado das novas tecnologias vem trazendo plataformas que favorecem a circulação de saberes, permitindo que os idosos não sejam excluídos do consumo tecnológico. Desse modo, observamos que essa faixa etária vem acessando às redes sociais, como força de interagir com o mundo e melhorar sua vida cotidiana, para além do sofá da sala:

Atualmente as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), têm contribuído para a difusão do conhecimento por diversos meios, utilizando para isso ferramentas digitais. Estas ferramentas permitem não só a pesquisa, mas também oferecem condições para que o conhecimento seja compartilhado e socializado. Assim, estas tecnologias podem ajudar as pessoas idosas a diminuir o isolamento e a solidão, aumentando as possibilidades de manter contato com familiares e amigos, incluindo suas relações sociais (PÁSCOA, 2012 apud JANTSCH, 2012, p. 173).

Nessa perspectiva, os idosos estão se inserindo na sociedade da informação, como reação ativa à exclusão digital. Entretanto, “os idosos, encontram dificuldades em se afirmar e de se posicionar frente a estas novas práticas culturais no ciberespaço” (JANTSCH, 2012, 174), porém isso não os impedem de buscarem conhecimento para adentrarem a esse contexto, pois:

⁴ Realizou-se um grande encontro mundial, intitulado Estudos sobre Alzheimer, em abril de 2011, em Paris, no qual os maiores neuropsiquiatras do mundo discutiram a condição do Alzheimer como epidemia. Alertou-se para o fato de que nossas crianças, no futuro, seriam todas portadoras da doença do Alzheimer na velhice, sem escapar nenhuma (LOPES, 2012, p. 28). Depois dessa descoberta, foram tomadas medidas na Europa, de inserir “pessoas idosas” ao contexto educacional de crianças e jovens, que desde cedo “interagem mutuamente”, trocando ideias, “debatendo literatura” e aprendendo com as experiências desses idosos. “Esse novo modelo de escola implantado”, insere os portadores de Alzheimer, em uma prática da tentativa de “retardar a perda total da capacidade cognitiva”, que é característica predominante dessa doença (LOPES, 2012).

A tecnologia contribui com a interação entre as pessoas, principalmente no caso dos idosos que frequentemente possuem a mobilidade reduzida em função de problemas de saúde ou por questões de insegurança das cidades. Esta interação somente é possível pela facilidade disponibilizada pela Internet em adotar meios de comunicação síncronos ou assíncronos que viabilizam a aproximação com amigos e familiares. [...] Portanto, embora muitos idosos vejam o computador como algo delicado e fora de suas condições e habilidades, frente a um dilema como a distância de um ente querido, acabam colocando a prova, e tentando compreender seu uso (JANTSCH, 2012, p. 174).

Segundo dados do IBGE (2011), em pesquisa feita entre os anos de 2005 a 2011, apesar da população idosa ainda constituir uma numeração pequena como internautas, essa porcentagem vem crescendo ao longo dos anos:



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) apud IBGE.
 Imagem 5: Crescente acesso à Internet por idosos.

Assim:

De acordo com o IBOPE (2013) 28% dos idosos se mantêm atualizados com as novas tecnologias, esse grupo representa 1,95% dos usuários ativos da rede; 52% das pessoas entre 65 e 75 anos afirmam que se confundem com os computadores, mas, 28% tratam de se manter atualizadas com os avanços tecnológicos. [...] Os sites mais acessados pelos idosos brasileiros são as ferramentas de busca, redes sociais, sites de vídeos, portais, blogs, e-mail e notícias (IBOPE, 2013 apud BACHA et al, 2013, p. 03).

Logo, compreendemos que “as pessoas da terceira idade necessitam de um tempo maior e seguem um ritmo mais lento para aprender a manipular e assimilar os mecanismos de funcionamento desses artefatos” (KACHAR, 2003; 2009 apud KACHAR, 2010, p. 136). Apesar desta dificuldade, essa faixa etária não se inibe de conhecer e transformar esse conhecimento em ação. Há também os que de fato se excluem, por vontade própria, dessa interação, e “uma hipótese sobre a falta de interesse pode estar relacionada ao fato de os indivíduos dessa faixa etária ignorarem todas as possibilidades oferecidas pela internet” (KACHAR, 2010, p.141). Nesse sentido é preciso que a educação, aliada a estes meios, inclua o idoso nesse mundo digital, pois tais mecanismos podem estimular as funções cognitivas e transferir essas pessoas a lidar com as diversas ferramentas das TIC, e incluí-los na “dinâmica tecnológica”, que aumenta a autonomia e constrói “novos projetos de vida”, para o bem da maturidade (KACHAR, 2010).

De acordo com Assman (2000), a tecnologia favorece a atividade cognitiva, ampliando as possibilidades de aprendizagem:

As novas tecnologias da informação e da comunicação já não são meros instrumentos no sentido técnico tradicional, mas feixes de propriedades ativas. São algo tecnologicamente novo e diferente. As tecnologias tradicionais serviam como instrumentos para aumentar o alcance dos sentidos (braço, visão, movimento etc.). As novas tecnologias ampliam o potencial cognitivo do ser humano (seu cérebro/mente) e possibilitam mixagens cognitivas complexas e cooperativas. Uma quantidade imensa de insumos informativos está a disposição nas redes (entre as quais ainda sobressai a Internet). Um grande número de agentes cognitivos humanos pode interligar-se em um mesmo processo de construção de conhecimentos. E os próprios sistemas interagentes artificiais se transformaram em máquinas cooperativas, com as quais podemos estabelecer parcerias na pesquisa e no aviamento de experiências de aprendizagem (ASSMAN, 2000, p. 09).

Nesse sentido, as possibilidades de enriquecimento do aprendizado para o aluno também podem ser verificadas. As Universidades destinadas a este público podem investir em ferramentas digitais, que deem suporte ao desenvolvimento de cada aprendiz, trabalhando as potencialidades interativas que esses meios oferecem.

Outra característica que permeia a atual vida dos idosos é a posse de telefones móveis, que outrora era difícil encontrar com idosos usando um celular. O que geralmente ocorria eram idosos utilizando o telefone convencional para o contato com seus entes queridos, numa tentativa de minimizar a solidão dessas pessoas. A expansão da globalização trouxe consigo a possibilidade de incluir todas

as camadas sociais nas transformações tecnológicas. Dessa forma, a faixa etária de idosos vem avançando no consumo por aparelhos de telefonia móvel, como apontam os dados⁵ do IBGE (2011):



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) apud IBGE.

Imagem 6: Consumo de celulares por idosos.

Tais dispositivos móveis podem permitir que os idosos se sintam mais livres, independente e incluídos na frenética sociedade do consumo. Assim, os modelos de educação e suas metodologias estão passando por transformações que podem fomentar a construção da democracia, interligando as áreas e as pessoas, “permitindo romper com a disciplinaridade fechada e simplificada das áreas do saber” (NASCIMENTO, 2013, p. 64), pois:

[...] hoje, mais do que em outras épocas, comunidades globais e locais são conduzidas a se posicionar diante de questões que lhes concernem, criando uma espécie de democracia deliberativa, onde fóruns de debates são intensificados. A internet concretiza essa possibilidade de intervenção macro na esfera social e política. Essa democracia guarda tentativas populares de se construir espaços de liberdade e de manifestação de

⁵ Os dois levantamentos de dados sobre o acesso de Internet e de Celulares, foi feita sob amostra do IBGE, com base em informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD 2011). A amostra foi feita com cerca de 359 mil pessoas, em 1.100 municípios brasileiros.

pensamentos menos dependentes das políticas públicas. Cada cidadão é convocado a pensar por si (NASCIMENTO, 2013, p. 67).

As tecnologias podem estimular as trocas de saberes, diminuindo as distâncias entre os campos e as disciplinas, favorecendo o exercício da interdisciplinaridade. De acordo com Nascimento (2013), a visão interdisciplinar na educação tem a proposta de interligar as disciplinas, promovendo a integração dos indivíduos e seus conhecimentos. Trata-se não apenas de fazer comunicar teorias e métodos, mas de buscar a integralidade na liberdade de pensamento para aprender em lugares diversos, para além da sala de aula. Na UAMA, isso pode ser verificado a partir da relação dos idosos com o contato entre si e a realidade circundante. A formação humana torna-se dialógica, uma vez que compreende a intercomunhão entre as diversas dimensões da vida. Essa perspectiva transcende os conteúdos escolares e visa alcançar a transformação dos modos de conhecer o conhecimento.

Os idosos trazem consigo diferentes saberes e conselhos sábios, que todos nós precisamos ouvir. Nesse sentido, se passarmos a enxergá-los como seres com inteligência múltipla, reconheceremos que “o conhecimento emerge como condição reflexiva necessária às intervenções na realidade”, pois “o saber é transdisciplinar por sua própria natureza, uma vez que não nega a autonomia relativa do conhecimento, mas rentabiliza essa relatividade num amplo sistema social de trocas *informativas e formativas*” (NASCIMENTO, 2013, p. 72 e 91).

Sabendo-se da criatividade que o ser humano possui, é preciso estabelecer o contato desses idosos com os meios digitais no âmbito da aprendizagem, pois tais ferramentas “participam ativamente do passo da informação para o conhecimento”, pois “as novas tecnologias têm um papel ativo e co-estruturante das formas do aprender e do conhecer” (ASSMAN, 2000, p. 10).

Um dos aspectos mais fascinantes da era das redes é a transformação profunda do papel da memória ativa dos aprendentes na construção do conhecimento. [...] Com isso, o/a aprendente pode assumir o papel de verdadeiro gestor dos seus processos de aprendizagem (ASSMAN, 2000, p. 11).

Dessa forma, os idosos passarão a dispor de maiores oportunidades para novas descobertas através das novas tecnologias, considerando o apoio dado por seus mediadores⁶, em uma aprendizagem “multifacetada”. Sabe-se, pois, que “as

⁶ Demo (2011) ressalta que o processo requer investimento dos docentes: “Muitos professores continuam desconectados e mesmo resistentes a elas. [...] Para podermos influenciar positivamente

tecnologias não substituirão o/a professor/a”. [...] Elas, porém “ajudam a intensificar o pensamento complexo, interativo e transversal, criando novas chances para a sensibilidade solidária no interior das próprias formas do conhecimento” (ASSMAN, 2000, p. 07), pois:

[...] educação e tecnologias são indissociáveis. [...] é preciso que conhecimentos, valores, hábitos, atitudes e comportamentos do grupo sejam ensinados e aprendidos, ou seja, que se utilize a educação para ensinar sobre as tecnologias que estão na base da identidade e da ação do grupo e que se faça uso delas para ensinar as bases dessa educação (MOREIRA, 2007, p. 43).

No próximo capítulo, apresentamos as experiências dos idosos na UAMA e suas descobertas na aprendizagem com os artefatos tecnológicos.

Capítulo 3

Experiências e descobertas dos idosos na UAMA

Qualquer tempo é tempo.
A hora mesma da morte
é hora de nascer.

Nenhum tempo é tempo
bastante para a ciência
De ver, rever.

Tempo, contratempo
anulam-se, mas o sonho
resta de viver.

[Drummond apud Barreto, 1992, p. 190].

Rodeadas por artefatos tecnológicos, as pessoas cada vez mais inserem-se nesse “mundo” novo que até então vem atingindo proporções imensas dentro da escala global. “O acesso às tecnologias da informação e comunicação tem crescido na população brasileira, pelo próprio barateamento das tecnologias [...]” (KACHAR, 2010, p. 135). Nesse sentido, os idosos sentem-se impulsionados a vivenciar e compartilhar dessas ferramentas que só ampliam o seu conhecimento e interligam a sua capacidade de aprendizagem com o mundo e com os demais semelhantes. Assmann (2000) argumenta:

O caráter democrático da sociedade da informação deve ser reforçado. Por isso, não é legítimo abandonar os mais desprotegidos e deixar criar uma classe de info-excluídos. É imprescindível promover o acesso universal à info-alfabetização e à info-competência (DO LIVRO, 1997 apud ASSMANN, 2000, p. 09).

Acreditando nessa visão de um mundo que inclua a todos, entrevistamos 5 idosas que compõem o quadro de estudantes da Universidade Aberta à Maturidade (vinculada a Universidade Estadual da Paraíba), situada em Campina Grande. A técnica da entrevista em Profundidade permitiu a cada aluna situar seus conceitos de aprendizagem antes e depois da entrada na instituição, levando em consideração a interação dessas idosas com as Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs, pois como já refletimos “o idoso da contemporaneidade” está “menos debilitado, carente e dependente – conseqüentemente disposto a planejar os anos vindouros” (OLIVEIRA, 2013, p. 11).

Kachar (2010) afirma que “atualmente convivemos com artefatos tecnológicos que, ao serem lançados, já apresentam os dias contados da sua existência” (KACHAR, 2010, p. 135). Considerando a faixa etária de idosos, observamos que esses apresentam maiores dificuldades de manuseio e de aprender a manusear tais meios, devido a suas fragilidades, decorrentes do envelhecimento que dificulta a habilidade “em atividades que exijam flexibilidade e velocidade mental durante o processamento de informações” (SOUZA et al., 2009: 1 apud KACHAR, 2010, p. 138).

Para conhecer essa realidade, conversamos com as alunas. A primeira entrevistada Maria Egito Fernandes (89 anos), foi interrogada sobre o porquê de ter optado por uma Universidade voltada para a Terceira Idade. Pedimos ainda para ela apontar as contribuições da UAMA para a sua aprendizagem e sua vida em sociedade. A entrevistada relatou:

Através de uma conhecida do meu filho, que indicou a UAMA a ele e ele me explicou como era, e eu disse eu vou. Foi como um foguete da NASA vim direto. Porque eu ficava em casa dentro de quatro paredes, e em uma vida ociosa, eu não dou, pois eu sempre fui uma pessoa que sempre gostei de viver em comunicação com as pessoas. Sempre gostei de ler. Porque a pessoa que não lê, não aprende. Aqui na UAMA eu já aprendi Biologia, Filosofia e muitas coisas a mais. Na minha época só tinha romances, e eu li: José de Alencar, Érico Veríssimo, Vargas Vila, José Américo, Augusto dos Anjos, tudo isso eu li. E então eu vim aqui pra UAMA, que é muito boa. A UAMA mudou muito a minha vida, pois lá em casa todos trabalham e estudam, e eu não gosto da solidão, aí eu vim pra aqui e adquiri muitas colegas de várias idades (sendo eu a mais idosa), mas boas amizades. Quando eu chego aqui é outro mundo, eu me sinto bem, e isso ajuda-me a viver pois na vida a gente é carente, e precisa lembrar e ser lembrado. (Informação verbal – Entrevista em 12/09/2014).

Diante do relato de Dona Maria, notamos que a criação influencia sobremaneira a vida social e cultural do ser humano. No sentido em que esta idosa demonstra grande interesse pelo convívio social na instituição de ensino UAMA. O seu interesse está associado a maneira como ela foi criada, levando em consideração a ausência de artefatos tecnológicos em épocas passadas, mas que eram épocas de valor fundamentando em aprendizagens construtoras de uma vida, pautadas pela cultura e pelo entusiasmo de ler. Seguindo esse costume de sempre manter o cérebro ativo com as leituras assíduas, ainda hoje Maria demonstra anseio por cada dia de aprendizagem na UAMA, pois a sua sede por conhecimento não se esgotou com a idade. Neste sentido, sua narrativa coincide com o que Marinho (2007) expõe:

A educação para idosos apresenta-se como uma resposta inovadora aos novos desafios e demandas sociais, sendo a educação permanente a sinalizadora da possibilidade pedagógica para os indivíduos idosos como consolidação de intercâmbio e aquisição de conhecimentos e socialização. O idoso passa a ceder lugar a novos conhecimentos, técnicas e reformula seus saberes anteriores. Educar o idoso para conhecer e acreditar em suas reais capacidades, desenvolver seus talentos, ensiná-los a colocar seus conhecimentos a serviço de sua construção como sujeito, criar oportunidades para que aprenda a enfrentar obstáculos e preconceitos sociais são ações que significam contribuir para promover uma melhor qualidade de vida e para o aprimoramento de sua cidadania (MARINHO, 2007, p. 09-10).

Assim, não só a aprendizagem, mas a interação com pessoas novas, através do convívio social em uma instituição de ensino, conduz a pessoa idosa a inserir-se cada vez mais nos âmbitos de laços de sociabilidade e aprendizagem e compreensão do outro ser humano que nos rodeia, pois:

A educação é a solução integradora que transforma e atualiza o potencial humano em conhecimentos, habilidades e competências, tornando o indivíduo capaz de trabalhar em grupos, cooperar, construir conhecimentos, buscar oportunidades e fazer escolhas (MARINHO, 2007, p. 10).

Na sequência, perguntamos à aluna: Qual a sua relação com as Novas Tecnologias de Comunicação (TICs)? Quais tecnologias e/ou suportes você utiliza no seu processo de formação? Cita aquelas adotadas na UAMA e no seu cotidiano. Você tem alguma dificuldade para lidar com essas tecnologias? Informe quem auxilia no processo de mediação com esses meios (se algum (a) professor (a) ou familiar). E obtivemos o seguinte relato:

A minha relação com as novas tecnologias, não é tão frequente, pois na minha casa, cada um tem um notebook, e assim que todos chegam em casa, cada um pega um e eu fico sem ter com quem me comunicar, e por isso eu fico assistindo televisão. Então eu não tenho acesso a Internet, que eu gostaria de ter. Já o celular eu possuo (que foi através do meu filho), e sei manuseá-lo pouco. Eu falo com minhas parentes da Suíça e da Alemanha que moram lá. É bom demais. Melhorou a vida com a tecnologia e vai mudar muito ainda (Informação verbal – Entrevista em 12/09/2014).

Na fala de dona Maria, notamos que há um desabafo, que retrata o seu isolamento no ambiente doméstico: “na minha casa, cada um tem um notebook (...) e eu fico sem ter com quem me comunicar”. Como consequência, ela busca “companhia” na TV: “por isso, eu fico assistindo televisão”. O isolamento familiar é uma queixa comum entre os idosos no Brasil e, como vimos uma das causas da

depressão. Muitos procuram a UAMA com a finalidade de não apenas aprender coisas novas, mas criar laços de convivência e amizade.

No entanto, apesar de dizer que não usa computador em casa, dona Maria expressa entusiasmo em relação às novas tecnologias no contexto da telefonia móvel, ao dizer que utiliza o celular para conversar com parentes no exterior: “É bom demais. Melhorou a vida com a tecnologia e vai mudar muito ainda!”.

Dessa forma, ainda existe uma exclusão social dos idosos, em relação às novas tecnologias, um fato preocupante em todo o mundo, visto que a população idosa vem crescendo em números altíssimos. Porém, é preciso reverter a exclusão com atividades cognitivas e lúdicas, visto que “para manter uma boa saúde mental, é preciso desenvolver atividades que exercitem a mente e ampliem suas capacidades” (MARINHO, 2007, p. 02). Dona Maria confirma essa perspectiva e relata que: “Eu gosto de escrever muito. Inclusive eu tenho um livro de poesias. O meu livro de poesias é muito simples, mas eu as fiz. Às vezes eu acordo de madrugada, e vem a inspiração e faço um poema” (Informação verbal – Entrevista em 12/09/1989).

Ao nos mostrar seu livro de poemas⁷, ela aproveita para ler uma de suas produções, que reflete em nós a sabedoria de um ser inteligente e talentoso, que encontra na instituição a força para expandir seus conhecimentos e disseminar seu saber interno, pois as Universidades voltadas para o público idoso “são instâncias existenciais importantes para refletir e diminuir os estados de solidão e principalmente de isolamento social das pessoas idosas” (MARINHO, 2007, p. 10).

⁷ Fonte autorizada pela autora Maria Egito Fernandes em entrevista na UAMA/UEPB no dia 12/09/2014.

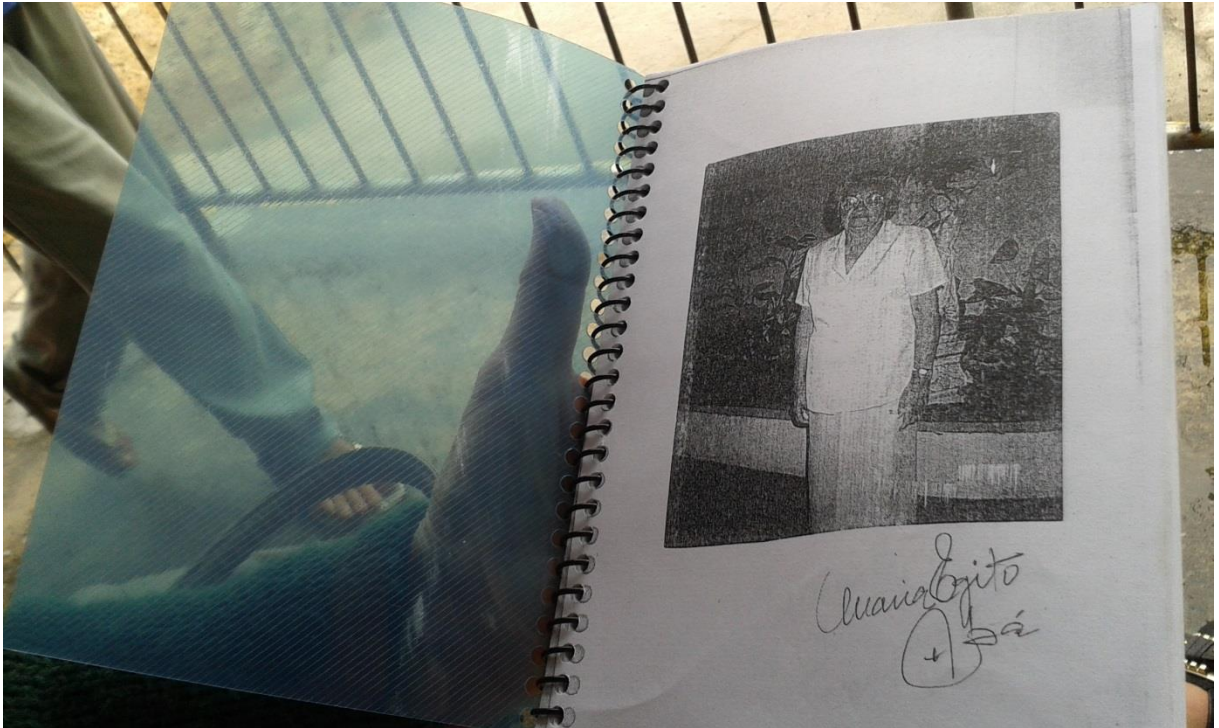


Imagem 7: Livro de Poemas de Dona Maria Egito.

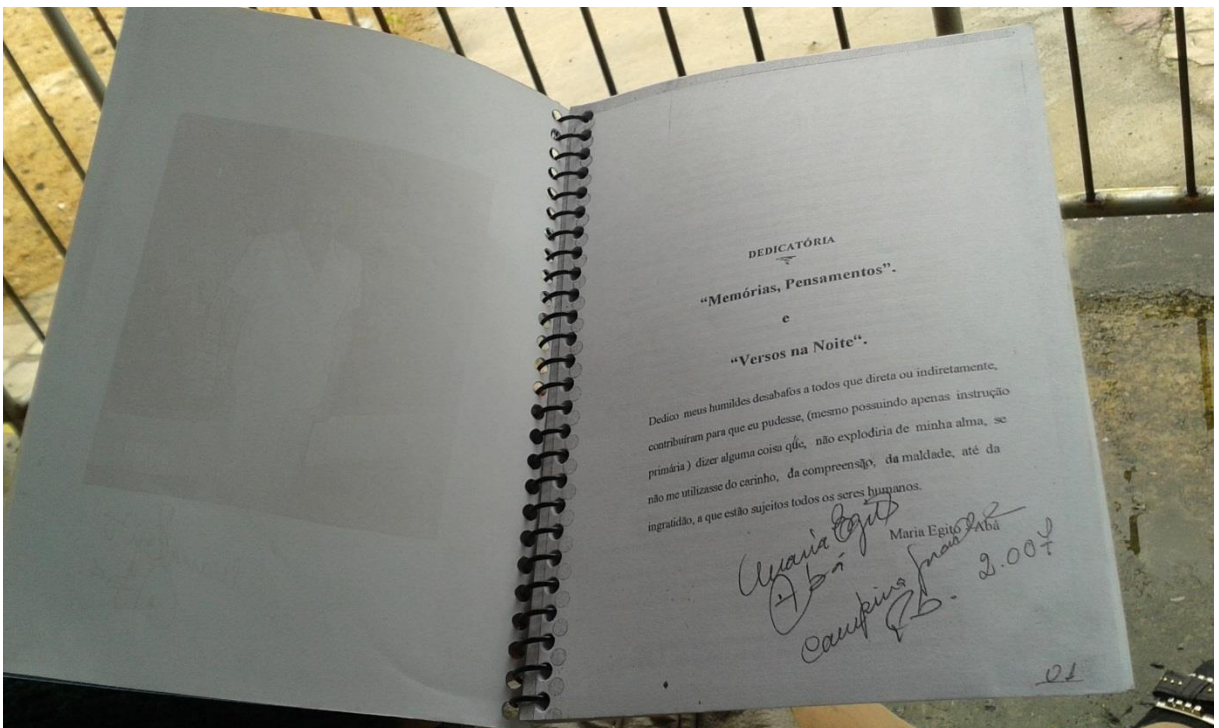


Imagem 8: Livro de Poemas de Dona Maria Egito.



Imagem 9: Dona Maria Egito, lendo uma de suas composições.

A segunda entrevistada Aurea Veloso da Fonsêca (63 anos), ao ser interrogada sobre a sua relação com as Novas Tecnologias de Comunicação (TICs) falou sobre as tecnologias e/ou suportes utilizados no seu processo de formação. Pedimos para citar aquelas adotadas na UAMA e no seu cotidiano, indagando se apresentou alguma dificuldade para lidar com essas tecnologias. Perguntamos ainda quem a auxiliou no processo de mediação com esses meios (se algum (a) professor (a) ou familiar). E obtivemos o seguinte depoimento:

Eu só tenho acesso ao celular, pois infelizmente ainda não possuo um computador. E foi só depois que entrei na UAMA que adquiri um celular. Mas como eu não tenho computador em casa, encontro dificuldades de lidar com ele, mas com o celular eu não tenho dificuldades não. Como eu trabalhei 11 anos na Caixa Econômica Federal, como telefonista (central de atendimento), e por isso não tive receio em usar um celular quando meu irmão e meu sobrinho me estimularam a usar, pois foi outra coisa e bem melhor. Aqui na UAMA nós aprendemos muito, e os professores são tão educados com a gente e tem tanto carinho com a gente, que parece que eles tão lidando com crianças, que pra falar a verdade a gente se sente melhor aqui de que próprio em casa. (Informação verbal – Entrevista em 12/09/2014).

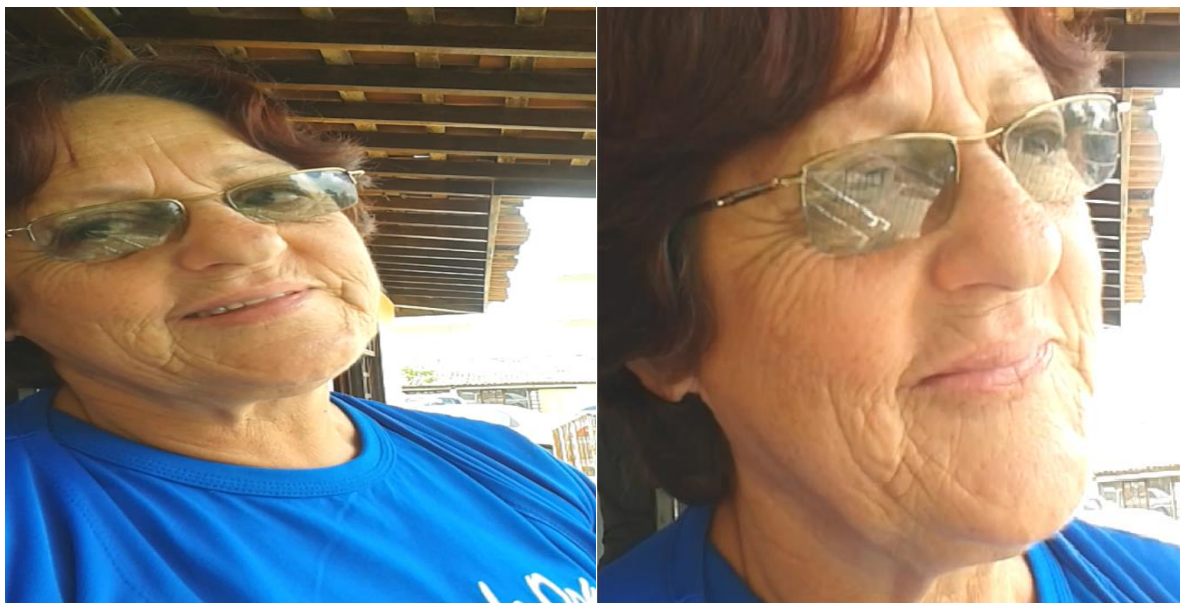


Imagem 10: Dona Aurea Veloso

Assim, observamos que esta idosa, por já ter uma vivência desde muito tempo utilizando-se do recurso telefônico para exercer sua função trabalhista, não encontrou dificuldades para lidar com a telefonia móvel, pois como optou em fazer parte do quadro de alunos da UAMA, seria preciso usar tal recurso como forma de se comunicar com seus familiares. Segundo Kachar (2010), “o celular pode ser um recurso importante de segurança e proteção para emergências de qualquer natureza transcorridas com os idosos” (KACHAR, 2010, p. 144).

Como descrito nas palavras de Dona Aurea, vê-se certa resistência à utilização do computador, devido a falta de prática do artefato em sua moradia, dificultando assim, a prática do exercício desenvolvido pela UAMA. Por outro lado, o estímulo da UAMA em aproximar seus alunos da informática é um fator relevante de inserção dos idosos no mundo tecnológico, auxiliando-lhes na conquista da autonomia. Cunha (1980) explica que:

[...] um dos objetivos da educação permanente é o desenvolvimento pessoal do indivíduo, abrindo novos horizontes, dando-lhe condições para experimentar maior liberdade interior e exterior e para sentir e expressar sua personalidade de forma mais autônoma e mais autêntica (CUNHA, 1980 apud MARINHO, 2007, p. 12).

Assim, Dona Aurea teve a chance e a oportunidade de experimentar o aprendizado tecnológico através da aula de computação oferecida pela UAMA. Sobre essa assertiva Néri e Cachioni (1999 apud MARINHO, 2007) afirmam que:

[...] a educação permanente, nos dias atuais, não significa apenas uma necessidade de renovação cultural, mas também, e, sobretudo, uma exigência nova, de autonomia dinâmica dos indivíduos numa sociedade em rápida transformação (NÉRI E CACHIONI, 1999 apud MARINHO, 2007, p. 13).

Dona Aurea ressalta que sua vida mudou muito quando passou a frequentar a UAMA e que para ela, hoje, não existe mais aquele tempo “dos idosos ficarem sentados em uma cadeira observando o tempo passar”, e acredita que todos devem procurar algo estimulante para fazer, “estar envolvido em vários objetivos, inclusive buscar voltar a estudar ou mesmo continuar estudando e aprendendo em instituições como a UAMA”, que trabalham para ativar o potencial cognitivo de cada idoso. Com a aprendizagem estimulada, o idoso terá capacidades cognitivas ativas mesmo na maturidade, pois:

Para manter uma boa saúde mental, é preciso desenvolver atividades que exercitem a mente e ampliem suas capacidades. Sentir motivação, satisfação e tomar certas preocupações melhoram a capacidade de raciocinar, elaborar pensamentos, manter uma atitude crítica e compreender a realidade. É necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar e enriquecer para participarem da vida política, de se colocar como representantes, capazes de cumprir seus deveres, defender seus direitos, efetivar negociações em torno dos princípios da justiça. [...] O envelhecimento é um processo natural, normal, multifatorial e inexorável (MARINHO, 2007, p. 02-03).

A terceira entrevistada Edneusa Assis Barros (67 anos) foi questionada sobre o por que optou por uma Universidade voltada para a Terceira Idade:

Na minha infância eu não tive essa oportunidade, então depois de ter criado meus filhos decidi cuidar de mim. Meus filhos me apoiam muito nessa minha decisão. Me libertei. Sai do casulo. A UAMA me deu mais liberdade. Estou aprendendo bastante e com as amigas. Eu estou entendendo que eu tenho os meus direitos. A minha relação com as novas tecnologias é mais com o computador, pois eu não gosto muito de celular não, mas computador eu gosto, eu sou fã, mexo, jogo, e faço um monte de coisa. Quando eu tenho alguma dúvida quanto a algo eu mesmo vou e pesquiso na Internet (Informação verbal – Entrevista em 01/10/2014).



Imagem 11: Dona Edneusa Assis

Ao afirmar “sair do casulo”, entendemos que a aluna entrevistada “(re) descobriu a liberdade e o tempo”, utilizando a instituição como rito de passagem para essa nova fase de uma maturidade “ativa”. Quanto ao aprendizado das tecnologias da comunicação, ela nos surpreende ao relatar que, ao contrário das pessoas avessas à informática, gosta de computador e usa a ferramenta para jogar e fazer “um monte de coisas”, nas suas palavras, além de realizar pesquisas na Internet.

Para Morin (2000), a aprendizagem contínua permite que as pessoas, em qualquer idade, desenvolvam a curiosidade e descoberta, tornando-as relevantes para a vida social, à medida que a inteligência pode ser compartilhada com os semelhantes e transformada num “conhecimento pertinente”, colaborativo e humanizado. A aluna, ao comentar que “aprende bastante e com as amigas”, desenvolve também sua consciência cidadã: “estou entendendo que eu tenho os meus direitos”, praticando a compreensão da realidade, conforme nos ensinou Paulo Freire.

Assim, dona Edneusa, ao relatar que ao adentrar a instituição da UAMA, teve seus comportamentos mudados e renovados para uma qualidade de vida melhor, compreendemos que uma universidade voltada para essa faixa etária, atinge objetivos maiores do que levar o aprendizado, promovendo a compreensão do valor da maturidade, oferecendo oportunidades de mudança e convívio para os idosos, que se libertam de uma vida pacata e emergem para uma vivência ativa, “efetiva e responsável”, experimentando as novas conquistas do aprender ao longo da vida, conforme defende Marinho (2007):

A educação permanente traz esta oportunidade através de aprendizagem, contínuas com a finalidade de construir um ser humano interessante, atualizando, os potenciais internos de querer, pensar e amar, vislumbrando o possível conhecendo a realidade, criticando-a, refletindo e com capacidade de tomarem decisões, visando o resgate da consciência social (MARINHO, 2007, p. 10).

Esse estudo possibilitou perceber que muitos idosos só têm maior interação com o celular, mas, há os que preferem e têm maior afinidade com o computador, como é o caso de dona Edneusa. Ela relata ter maior proximidade com o computador do que com o próprio celular, o que, segundo Kachar (2010), é fato pouco comum, pois alguns se sentem intimidados com os recursos e aplicativos da Internet:

O acesso ao computador e à internet por essa população ainda é pequeno; porém, quando ocorre, a frequência e o uso são quase tão altos quanto às outras faixas etárias. Para a faixa de 60 anos ou mais, as habilidades para o uso dos vários recursos do computador e da internet são limitadas a algumas poucas funções (KACHAR, 2010, p. 145).

No entanto, a inclusão digital promove a inclusão social, e também estimula a prevenção de alguns fatores decorrentes do envelhecimento. Pois, no contato com as máquinas, são “estimuladas as funções cognitivas” no ensino e na aprendizagem dessa faixa etária. Dessa forma, as novas tecnologias como celular e computador, transferem conhecimento para o idoso, ajudando esse público a desenvolver a habilidade de lidar com outros artefatos, como por exemplo saber lidar e manusear uma operação em um caixa eletrônico (KACHAR, 2010). Para tanto, é preciso que essas funções sejam estimuladas por mediadores, que possibilitarão à pessoa idosa, maior confiabilidade e domínio com os meios tecnológicos. O estímulo é essencial: “É necessário que programas que atendem adultos mais velhos, também

reinventem novos espaços conectados com as tecnologias da informação e comunicação” (KACHAR, 2010, p. 146).

Sabemos, porém que o enlace entre a educação e a comunicação, favorece o aprendizado do aluno, pois como destacando por exemplo Kenski (2007):

As novas tecnologias de comunicação (TICs), sobretudo a televisão e o computador, movimentaram a educação e provocaram novas mediações entre a abordagem do professor, a compreensão do aluno e o conteúdo veiculado. A imagem, o som e o movimento oferecem informações mais realistas em relação ao que está sendo ensinado. Quando bem utilizadas, provocam a alteração dos comportamentos de professores e alunos, levando-os ao melhor conhecimento e maior aprofundamento do conteúdo estudado (KENSKI, 2007, p. 45).

Assim, visto que as tecnologias buscam contribuir com a educação, o conhecimento adquirido por elas torna-se a cada dia “passado”, necessitando de mais empenho e dedicação no processo de atualização, pois a todo instante surgem “novos processos e produtos” tecnológicos diferenciados, que necessitam de uma “atualização permanente” tanto do aluno, quanto do seu mediador. Por isso, a autora explica:

Como as tecnologias estão em permanente mudança, a aprendizagem por toda a vida torna-se consequência natural do momento social e tecnológico em que vivemos. Já não há um momento determinado em que qualquer pessoa possa dizer que não há mais o que aprender. Ao contrário, a sensação é a de que quanto mais se aprende mais há para estudar, para se atualizar (KENSKI, 2007, p. 41).

A quarta entrevistada Josenilda Lourenço da Silva (66 anos), foi questionada sobre o por que optou por uma Universidade voltada para a Terceira Idade, também relatando as contribuições que a UAMA trouxe para a sua aprendizagem e para a sua vida em sociedade.

Eu já sou formada em Biologia, pela UVA. Sou também Técnica de Enfermagem. Porém devido problemas familiares tive que parar uma licenciatura de Química que comecei, mas sempre com a promessa de um dia eu voltar a estudar. Então tive essa oportunidade de entrar na UAMA e retornei, pois eu sempre gostei muito de estudar e de ler muito. Em termos de mudança minha vida não mudou nada, pois eu já tinha uma vida ativa, então a minha entrada na UAMA contribuiu para uma reciclagem no meu aprendizado (pois eu já entendia e já conhecia as cadeiras), que ao longo da vida eu sempre tive uma meta na minha vida de sempre estudar, então eu sempre tive uma vida melhor e dinâmica. Foi uma reciclagem pra mim. Eu gosto de ler muito, e minha educação sempre foi entre a biblioteca e a

casa, desde criança, pois era o que meu pai deixava a gente fazer. Eu pratiquei a Língua de Francês em todo o meu colegial. Na UAMA nós aprendemos muitas cadeiras como Farmacologia, Educação e Sociedade, Filosofia, Curso de Línguas entre outros. Nossos trabalhos são feitos geralmente em classe e utilizamos apostila. Nesse período mesmo nós estamos fazendo o Memorial, sobre nossa vida, procurando na memória nossa história dos melhores momentos. Sobre as novas tecnologias eu jogo muito no computador. Sou viciada no computador. Eu tenho celular mas não gosto muito de manuseá-lo não. Eu prefiro o computador. Sou viciada no WhatsApp. Enfim, aconselho a todos os idosos que estão em casa que vivam o dia a dia. Vivam o dia de hoje, como se fosse o último (Informação verbal – Entrevista em 01/10/2014).



Imagem 12: Dona Josenilda Lourenço

Compreendemos nesse sentido, que ainda há idosos que escolhem uma Universidade voltada para a Terceira Idade, apesar de já terem a vida toda frequentado o ensino superior em instituições voltada para todos os públicos. Como bem afirma dona Josenilda, a denominada "reciclagem" foi o motivo que a levou a adentrar a uma Universidade para pessoas idosas, já que a mesma relata que tem mais experiência e por isso conhece bem os métodos de ensino de uma universidade com o porte da UAMA. Mas, apesar dos difíceis trâmites ocorridos na sua vida, nunca perdeu a expectativa de continuar o que sempre gostou - estudar e ler sempre. O processo de continuar a aprender e desenvolver novas aprendizagens é a meta de uma universidade para a maturidade. Nesse ambiente, aqueles que já

sabem um pouco mais que os outros e que nunca passaram pela academia e que também pararam no caminho da escola secular, conseguem adquirir o conhecimento que um dia lhes foi negado. Esse processo de reciclagem auxilia o idoso enquanto ser ativo estimulando-o, a nunca deixar suas ações de frequência pelo aprendizado e também auxiliando-o em transmitir ensino-aprendizagem a todos que lhes cercam. Contando seu presente e valorizando seu passado, dona Josenilda transmite-nos experiências de empenho e dedicação. "A história de vida é uma pesquisa em construção de sentido a partir de fatos temporais, e pessoais vividos" (EULÁLIO, 2005, p. 74).

A quinta e última entrevistada Elza Maria Ribeiro Colaço⁸ (63 anos) também nos narrou sua experiência:

Optei por curiosidade, por querer aprender mais e me libertar um pouco através do aprendizado. E através do meu relacionamento com as pessoas fazê-las mais feliz pois eu não gosto de ver ninguém triste. A minha vinda pra UAMA, me faz entender que aprendemos e também ensinamos, pela convivência na vida. Porém há coisas que eu estou aprendendo, mas continuo "voando", pois é muita coisa pra aprender em pouco tempo. Celular eu tenho mas sei mexer muito pouco. Só sei atender e ligar, mais nada. E também não quero WhatsApp porque eu posso me viciar e eu não quero não passar o dia todinho nele. E computador eu não quero aprender nem a ligar por enquanto, pois eu não tenho tempo, pois sou a dona da casa e me acordo muito cedo pra cuidar da casa, venho pra UAMA e quando chego ainda tenho mais afazeres de casa (Informação verbal – Entrevista em 01/10/2014).

Assim, entendemos que muitos idosos procuram uma universidade voltada para a sua própria faixa etária, esperançosos em aprender mais e mais e não apenas viver o envelhecimento dentro de suas casas. Dona Elza demonstra bastante empenho pelos estudos, pois quer aprender o novo, visto que a curiosidade é uma das condições para isso, levando-nos a descobrir horizontes inimagináveis. Ainda na fala de Dona Elza encontramos também o anseio de colaborar com os outros, valendo-se da sabedoria que muitos jovens desvalorizam e que deveriam apreciar com mais zelo. O empenho que a entrevistada mostra ao falar da sua vivência com as amigas na UAMA, caracteriza a força vital que o idoso ainda encontra nesta faixa etária, mesmo com tantas dificuldades ao se deparar com novos conhecimentos (ela afirma que fica "voando", em alguns instantes), mas

⁸ A entrevistada não autorizou imagem.

ultrapassam os obstáculos para viver de modo diferente. Neste sentido o que qualifica tal atitude dessa faixa etária, se resume em uma única palavra – resiliência⁹.

Segundo Yunes e Szymanski (2002), a palavra resiliência para as áreas das Ciências Sociais e Humanas ainda é pouco utilizada (somente há pouco mais de 20 anos), devido a sua raiz estar relacionada/associada à Física e a Engenharia, que há muito tempo utilizam-se do termo “resiliência”. Sabe-se porém, que nestas duas últimas áreas tal conceito estabelece uma definição exata e precisa sobre a “resiliência de materiais”, diferentemente do conceito (que ainda não é claro) estabelecido para a Psicologia de relacionar a resiliência ao “processo psicológico” do ser humano, pois o conceito entre Física e Psicologia são “incomparáveis”. Assim, não há como comparar tais conceitos entre as áreas citadas, considerando-se que são “dois campos” totalmente “distintos”. Nesse sentido “a Psicologia apropriou-se de um conceito” criado a partir de “um modelo matemático”. Na Psicologia os termos usados são “invencibilidade ou invulnerabilidade” para conceituar o termo resiliência.

Em suma, tal conceito sobre resiliência refere-se especificamente à resistência/superação a algo, e neste caso é o indivíduo que se torna resistente frente às dificuldades e obstáculos surgidos ao longo de sua existência. Nesse sentido, compreendemos que:

No mundo atual, em que desafios e dificuldades se apresentam a cada dia para os seres humanos, em que a competição e a busca por espaços profissionais e pessoais se torna mais acirrada, em que as experiências externas se chocam com as possibilidades reais de realização do sujeito, este precisa ser formado – e se autoformar – para se preservar psicologicamente, para reagir, para ordenar seu mundo, suas necessidades, suas prioridades, seus desejos e suas ações, de modo a não se deixar sobrepujar por contingências e circunstâncias a que não possa, em dado momento e em determinadas situações, controlar e dar as respostas exigidas. Esta formação, nesse contexto, traduziria sua resiliência – isto é, sua capacidade de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista,

⁹ O conceito de resiliência não tem sido, no Brasil, alvo de muitos estudos e produções acadêmicas. No entanto, na Europa – e, em certa medida, também nos Estados Unidos – tem ocorrido um número bastante considerável de estudos que o incluem (PLACCO, 2002, p. 07). Segundo Rutter (1987): “a resiliência não pode ser vista como um atributo fixo do indivíduo” pois “se as circunstâncias mudam a resiliência se altera” (RUTTER apud YUNES E SZYMANSKI, 2002, p. 20-21).

positiva e perseverante e mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após os embates – uma [...] personalidade que, ativada e desenvolvida, possibilita ao sujeito superar-se e às pressões de seu mundo, desenvolver um autoconceito realista, autoconfiança e um senso de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo, à mudança, ao outro e à realidade subjacente (PLACCO, 2002, p. 07-08).

A entrevistada Elza Maria revelou ainda que teme se viciar nas ferramentas tecnológicas, a exemplo dos aplicativos como o WhatsApp. Segundo Kenski (2007):

As novas TICs não são apenas meros suportes tecnológicos. Elas têm suas próprias lógicas, suas linguagens e maneiras particulares de comunicar-se com as capacidades perceptivas, emocionais, cognitivas, intuitivas e comunicativas das pessoas (KENSKI, 2007, p. 38).

As tecnologias possuem o seu modo particular de enlaçar as pessoas às suas funcionalidades, daí o risco de provocar dependência, independentemente de faixa etária. Assim, alguns idosos expressam-se com certo medo de se viciar em tais tecnologias. Isso nos faz entender que devido a vasta experiência de vida, eles entendem que não é tão vantajoso estar viciado em algo que pode separar as pessoas dos laços sociais. Algumas pessoas preferem passar o dia conectadas a um aparelho móvel com amizades virtuais, do que aproveitar a vida cultivando laços de sociabilidade reais. Desse relato de dona Elza, elaboramos a seguinte reflexão: que o melhor da vida é aproveitar as oportunidades de estar do lado de pessoas que completam a felicidade de nossa existência, compartilhando bons e maus momentos. E como afirmou Mario Quintana: “A arte de viver é simplesmente a arte de conviver...simplesmente, disse eu? Mas como é difícil!”. Hoje é muito difícil ver as pessoas convivendo diretamente com pessoas que estão presentes, o que mais se vê são convivências virtuais que a um click é possível excluir, caso tal pessoa não se porte como desejamos.

Apesar de identificarmos que entre as entrevistadas apenas duas têm maior afinidade com o computador, percebemos que em sua maioria (no caso as três idosas pesquisadas) possuem maior afinidade com o telefone móvel e também com a televisão. Nesse sentido, os cursos ofertados pelas universidades voltadas para a maturidade, estabelecem um referencial de inclusão não apenas social destes idosos mas também favorecem a inclusão digital, que para muitos é fato desconhecido. Conforme buscamos demonstrar nos capítulos anteriores, a geração idosa faz parte de uma época analógica, por isso as ferramentas tecnológicas

produzem certo receio nesse público visto que as funções tecnológicas exigem maior agilidade e percepção, e muito deles procuram certa distância, pelo fato de considerarem uma ferramenta de difícil acesso. Como observado nas experiências das entrevistadas, há maior facilidade de interação com o celular (aparelho simples e com funções tradicionais) e com a televisão, considerando-se que suas funções principais são fáceis de ser manuseadas. Porém, como foi descrito nas suas falas há aqueles idosos que preferem e se sentem mais a vontade com o computador, afirmando que gostam de fazer diferentes tarefas. Em suma, cada idoso atrai para si o que melhor lhe convém, ou o que melhor lhe dá autoconfiança para manusear tais artefatos.

Os relatos adquiridos pela sabedoria e a experiência de cada idosa constituíram um embasamento de conhecimentos que só podem ser constatados através da história oral, que permitem a exploração da experiência histórica de cada entrevistada. Assim, essas vozes que notadamente são excluídas dos registros científicos, passam a exercer sua função de informador de suas próprias histórias de vida e também do grupo social a que pertencem, respeitando nesse sentido, o direito do entrevistado se expressar de forma ampla e à vontade (EULÁLIO, 2005). Assim:

A chave ética na pesquisa diz respeito à dignidade humana. Trata-se de um princípio que visa proteger os múltiplos interesses das pessoas, indo da sua integridade corporal a sua integridade psicológica ou cultural que constitui o fundamento das obrigações éticas precisas. O respeito ao outro significa o respeito ao exercício do consentimento individual (EULÁLIO, 2005, p. 71).

Dessa forma, é de suma importância considerar tais relatos de experiências, como sendo eles importantes, pois caracterizam o presente momento de existência e narram como são vivenciados os fatos marcantes de cada vida, sabendo que:

O relato de pessoas idosas aprofunda as histórias individuais e coletivas, as lembranças de família se misturam às peças de um grande quebra-cabeça que funciona como estímulo indutor para encontrar figuras completas. Os atos de enunciação são notadamente multiplicados pelo encadeamento dos relatos que introduzem diferentes níveis de narrativas. A narração é a própria efervescência de mil e um dizeres, produzindo uma grande quantidade de micro-relatos, fazendo assim do mesmo fato, a presença de atividades da palavra. [...] É através da multiplicação de relatos das pessoas idosas que o passado é evocado abundantemente no contar acontecimentos dignos de narração (EULÁLIO, 2005, p. 73).

Diante de tais relatos tão importantes vivenciados no dia a dia por essas cinco idosas que compõem o quadro de alunos da UAMA, verificamos que apesar de tantos problemas e exclusões vistos na sociedade brasileira, contra os idosos, há aqueles que resolveram se levantar de suas poltronas fofinhas e enfrentar suas dificuldades para inserir-se em uma instituição que oferta ensino para os mesmos.

Assim, os idosos apesar de na sua infância e adolescência não terem convivido com os recursos da Tecnologia da Informação e Comunicação e também com a oportunidade de adentrar em uma universidade, demonstram em seus relatos de experiências, que nunca é tarde para aprender a conviver com novos conhecimentos e artefatos tecnológicos, pois hoje:

[...] as novas tecnologias que permitem a interatividade também promovem uma nova relação do aluno com o conhecimento, com outros alunos e com o professor, a partir do momento, em que se propõe um ensino que considera como prioridade as formas de aprendizagens e, conseqüentemente, os aprendentes. A possibilidade de interagir, através das ferramentas tecnológicas, implica rever todos os papéis dos envolvidos no processo ensino e aprendizagem e como também a metodologia utilizada para a promoção dessa aprendizagem (BARROS E CARVALHO, 2011, p. 216).

Diante de intensos riscos, traumas, perdas, doenças, perdas cognitivas, obstáculos, dificuldades e diversas conseqüências negativas, oriundas do processo de envelhecimento, encontramos em tais entrevistadas (estudantes da UAMA), a característica da resistência frente às dificuldades encontradas no percurso de vida. Assim, consideramos que tal resiliência nestas idosas, foi encontrada a partir da entrada e permanência na UAMA, e não apenas nesse ambiente, pois ao permitirem que suas vidas incorporassem um viver ativo, mostraram que nunca é tarde para aprender e levar aprendizagem a todos que os cercam. Mesmo diante de uma sociedade em constante transformação tecnológica, essas alunas procuraram inserir-se nesse contexto que outrora lhes era desconhecido. Mediante tais processos, é possível considerar que a resiliência no envelhecimento também faz parte de um saber aprendido, que se transforma ao longo da vida.

Desta forma, o envelhecimento pode ser “enfrentado” pela capacidade de resiliência (superação) de cada indivíduo, cabendo às pessoas e ao ambiente educativo permanente favorecer as novas habilidades, desertando essas pessoas

para práticas cada vez mais ativas, que, através dos relatos, poderão inspirar novos estudantes para ingressar na educação permanente na maturidade.

Considerações Finais

“Dizem que a vida é para quem sabe viver, mas ninguém nasce pronto. A vida é para quem é corajoso o suficiente para se arriscar e humilde o bastante para aprender”.

Clarice Lispector

"O homem nasceu para aprender, aprender tanto quanto a vida lhe permita."

Guimarães Rosa

No atual cenário em que vivemos, onde todos buscam estar conectados, descobrimos que os artefatos tecnológicos têm invadido o ambiente educativo, como forma de possibilitar um aprendizado ágil e de fácil compreensão. Por isso tais recursos, se usados de forma correta, proporcionam contribuições ao ensino e aprendizagem, em qualquer fase da vida. Essa constatação nos permite compreender que a parceria entre comunicação e educação possibilita o trânsito de saberes, à medida que a sala de aula se beneficia dos artefatos e meios tecnológicos, com seus diferentes dispositivos.

Nesse sentido, observamos que nos últimos anos a faixa etária de idosos tem se inserido em grupos e universidades que lhes proporcionam um ensino de qualidade visto que esta faixa etária vem a cada dia ocupando um espaço cada vez maior na sociedade brasileira e mundial, tanto na educação quanto nos outros segmentos do mercado.

Compreendemos que as oportunidades para os idosos têm surgido, devido ao crescente aumento do número populacional no mundo, e assim as políticas públicas pretendem conduzir esse público à inclusão digital e educacional. Considerando os problemas que essa faixa etária enfrenta na sociedade, tanto pela exclusão como pela violência, devido a sua vulnerabilidade, a criação de Universidades voltadas à maturidade tem possibilitado aos idosos a chance de estar em um ambiente que os envolvam no aprendizado, ampliem os conhecimentos de seus direitos e deem a oportunidade de expor suas vozes, que outrora tinham pouco espaço para se expressar.

Essa oportunidade foi observada e registrada pela UAMA, que há pouco mais de 5 anos, vem oferecendo a diversos idosos condições de novas leituras de mundo e convivência social, ampliando seus referenciais de conhecimento, a exemplo de saberes de disciplinas como Farmacologia, Educação e Sociedade, Filosofia e Curso de Línguas (matérias estudadas). Assim, eles descobrem que nunca é tarde para aprender a reaprender e enxergar novos horizontes na vida.

Diante desta variedade de cursos ofertados pela Universidade Aberta à Maturidade, conhecemos cinco estudantes que empenhadas neste caminho, decidiram superar os obstáculos para inserir-se na educação. Assim, conseguem aprender os novos processos das tecnologias que não tiveram oportunidade de experimentar, a exemplo do computador, o que minimiza a exclusão digital na sociedade em que vivemos.

É preciso que haja incentivos governamentais que invistam nessas Universidades Abertas à Maturidade, considerando que nessas instituições além da inclusão e convivência, há também a proposta de inserir os idosos na aprendizagem tecnológica capacitando-os a uma melhor prática com os artefatos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

A pesquisa nos permitiu verificar que através da UAMA as entrevistadas tornaram-se usuárias assíduas dos meios de comunicação para suas interações do dia a dia, a exemplo do computador, celular e televisão, e que apesar de suas limitações no aprendizado das novas tecnologias, mostraram-se estimuladas a desenvolver suas habilidades nesse contexto.

Observamos, durante o estudo, que a UAMA não apenas ensina “novos saberes”, mas estimula a convivência, favorece a inclusão social, minimiza a solidão e o isolamento dessas pessoas, trazendo possibilidades de interação fraterna e favorecendo o aprendizado contínuo.

Doenças que estão ligadas fortemente à chegada do envelhecimento estão sendo superadas mediante os esforços desses idosos na busca incessante pela atitude de manter a vida ativa, considerando-se que tal atitude estabelece pontos

positivos na saúde mental e física de cada pessoa na maturidade. Diferente dos tempos passados, em que os idosos procuravam se isolar e se excluir do convívio social com a chegada da aposentadoria, deixando-se afetar pela depressão e doenças degenerativas, tornando-se vítimas da perda de memória e de suas habilidades cognitivas, hoje assistimos ao crescimento de uma população que apresenta nova postura frente à vida.

Atualmente, notamos os avanços dessa faixa etária incluindo-se em atividades, voltadas à educação, ao lazer e à saúde, que lhes proporcionam um ritmo de vida com qualidade e motivação, acompanhando as descobertas da ciência para um envelhecimento mais saudável e sadio.

Verificamos, através da revisão de literatura sobre o tema, que os idosos encontram na comunicação e informação muitos esclarecimentos que favorecem o seu cotidiano. Assim, eles procuram sair de seus “casulos” e adentrar em ambientes que renovem sua autoestima e ofereçam oportunidades que passaram despercebidas ao longo da vida – a inserção em universidades voltadas para a maturidade se inclui nessa perspectiva com a chance de uma educação permanente

O convívio na UAMA não apenas é destinado às alunas matriculadas, pois como descobrimos no estudo, a turma pioneira também interage com os que chegam, possibilitando o compartilhamento de experiências vividas. Mesmo após o final do curso, algumas retornam porque se sentem úteis em dividir suas vivências, caso da entrevistada Maria Egito Fernandes, que aos 89 anos (a aluna com idade mais avançada), continua frequentando a instituição, e procurando ser um exemplo para os outros alunos que compõem o quadro de estudantes da UAMA.

Dona Maria mostra a todos nós que o desafio do aprendizado pode ser enfrentado por todos, para além de faixa etária, e que só dependemos de força e ânimo para alcançar o objetivo de aprender em qualquer fase da vida. Consideramos que tal ação de continuar frequentando a UAMA, após já ter se formado, sinaliza a confiança que a aluna adquiriu na instituição e seus mediadores, dando a lição de que novos saberes podem ser interessantes e prazerosos.

É notadamente visto no semblante das entrevistadas que a opção por uma universidade voltada para a maturidade foi uma das melhores escolhas para as suas vidas, e que o aprendizado e conhecimento com os novos artefatos tecnológicos lhes possibilitaram maior interação e inserção no cenário social.

A pesquisa teve por objetivo demonstrar que ainda há caminhos para todos que queiram aprender, mesmo que estejam na fase do envelhecimento. Uma fase que apresenta intensos desafios a ser superados, inclusive os de aprender a dominar e manusear os artefatos da comunicação em uma sociedade extremamente tecnológica e digital.

Esse estudo constatou que a inserção de idosos nas instituições de ensino à maturidade produz resultados surpreendentes na vida dos estudantes, que em grupo encontram maior estímulo para lidar com as surpresas da vida, e desenvolvem seu bem estar cognitivo. Os estudantes da UAMA mostram-se inteiramente agradecidos à UEPB, por incluí-los no processo de ensino-aprendizagem, que muitos não realizaram na infância. Esses são considerados modelos de idosos ativos, que comprovam a assertiva de que é possível aprender o novo em qualquer estágio da vida.

Concluindo esse primeiro momento da investigação, objetivamos continuar tal pesquisa numa pós-graduação com o intuito de aprofundar esse tema, que pouco tem sido retratado no Estado da Paraíba, e que merece uma atenção ainda mais profunda, considerando a relevância da aprendizagem na faixa etária estudada, visto que a maioria das pesquisas contempla a infância e a juventude. Em suma, as Universidades Abertas à Maturidade prestam valiosos serviços à sociedade, merecendo destaque no trabalho voltado à pró-atividade da população idosa.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas:

BARRETO, Maria Leticia. **Admirável Mundo Velho**. São Paulo: Ática S.A., 1992.

BARROS, Maria das Graças; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. As concepções de interatividade nos ambientes virtuais de aprendizagem. In: SOUZA, Robson Pequeno de; MOITA, Filomena M. C. da S. C.; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes (Orgs.). **Tecnologias Digitais na Educação**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

BERTOLINI, Marilene A. Amaral. Sobre educação: diálogos. In: SOUZA, Ana Inês (Org.). **Paulo Freire: vida e obra**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Círculo de Oração**. Tradução Degmar Ribas Júnior. Versão Almeida Revista e Corrigida, 4.^a ed., 2009 – Sociedade Bíblica do Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2009.

BRASIL. **Estatuto do idoso**: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

CACHIONI, Meire; NERI, Anita Liberalesso. Educação e velhice bem- sucedida no contexto das Universidades da Terceira Idade. In: NERI, Anita Liberalesso; YASSUDA, Mônica Sanches (orgs.). **Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos**. 4ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 5. ed. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2001.

DEMO, Pedro. **Complexidade e Aprendizagem**. São Paulo: Atlas, 2002.

DEMO, Pedro. **Universidade, Aprendizagem e Avaliação**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, ano.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, ano.

EULÁLIO, Maria do Carmo. A História Oral: Vetor Do Tempo Para Pessoas Idosas. In: WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta; VELÔSO, Thelma Maria Grisi (Orgs.). **Oralidade e Subjetividade: os meandros infinitos da memória**. Campina Grande: EDUEP, 2005.

LEÃO, Isis Simões; EULÁLIO, Maria do Carmo. Velhice e atividade profissional: um estudo sobre a qualidade de vida. In: ALVES, Railda Fernandes (Org.). **Psicologia da Saúde: teoria, intervenção e pesquisa**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

LEÃO JÚNIOR, Roosevelt; RESENDE, Marineia Crosara de. Autoeficácia, memória e envelhecimento. In: NERI, Anita Liberalesso; YASSUDA, Mônica Sanches (orgs.). **Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos**. 4ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NASCIMENTO, Robéria. Fios e tramas de sentidos na tessitura de uma educação transdisciplinar. In: ASSIS, Cássia Lobão; NASCIMENTO, Robéria; FECHINE, Ingrid. **Tecendo os fios de saberes convergentes: escrita, educação e memória**. Campina Grande: EDUEPB, 2013.

NERI, Anita Liberalesso; YASSUDA, Mônica Sanches (orgs.). **Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos**. 4ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. Prefácio. In: TAVARES, José (Org.). **Resiliência e Educação**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SÉ, Elisandra Villela Gasparetto; QUEROZ, Nelma Caires; YASSUDA, Mônica Sanches. O envelhecimento do cérebro e a memória. In: NERI, Anita Liberalesso;

YASSUDA, Mônica Sanches (orgs.). **Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos**. 4ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

WOLFF, Suzana Hübner (org.). **Vivendo e envelhecendo: Recortes de práticas sociais nos Núcleos de Vida Saudável**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2009.

YUNES, Maria Angela Mattar; SZYMANSKI, Heloísa. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, José (Org.). **Resiliência e Educação**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

Eletrônicas:

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; LOBO FILHO, Jorgeano Gregório. **Análise Psicossocial da Violência contra Idosos**. Scielo: Psicologia: Reflexão e Crítica. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n1/20.pdf> >. Acesso em 13 set. 2014.

ASSMANN, Hugo. **A metamorfose do aprender na sociedade da informação**. Brasília: Scielo - Ciência da Informação, v. 29, n.2, 2000. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a02v29n2.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2014.

ASSIS, Mônica de. **Envelhecimento ativo e promoção da saúde: reflexão para as ações educativas com idosos**. Rio de Janeiro: Revista APS, v.8, n.1, 2005. Disponível em < <http://www.ufjf.br/nates/files/2009/12/Envelhecimento.pdf> >. Acesso em: 06 set. 2014.

BACHA, Maria de Lourdes et al. **Socorro, os ícones sumiram! Smartphone touchscreen e usuários adultos de idade avançada**. X Simpósio de Excelência

em Gestão e Tecnologia - SEGeT, 2013. Disponível em: <
http://www.researchgate.net/publication/261062982_Socorro_os_cones_sumiram!_Smartphone_touchscreen_e_usuarios_adultos_de_idade_avanada>. Acesso em: 14 set. 2014.

CACHIONI, Meire. **Universidades Abertas à Terceira Idade como contextos de convivência e aprendizagem**: possíveis implicações para o bem-estar subjetivo e o bem-estar psicológico. São Paulo: Revista Temática Kairós Gerontologia, 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/15227>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

FLEURY, Maria Tereza Leme; FLEURY, Afonso. **Construindo o Conceito de Competência**. Curitiba: Revista de Administração Contemporânea - RAC, Vol. 5, edição Especial 2001. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/rac/v5nspe/v5nspea10.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2014.

FREITAS, Silvane Aparecida de; COSTA, Maria Jacira da. **A identidade social do idoso**: memória e cultura popular. Paraná: Revista Conexão UEPG, vol. 7, n.2, 2011. Disponível em: <
<http://revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/viewFile/3718/2607>>. Acesso em: 06 nov. 2014.

GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Contemporânea. Ed. 18. Vol. 9. N.2, 2011. Disponível em: <

http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_18/contemporanea_n18_06_Mirian_Goldeberg.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2014.

GONDIM, Lillian Virgínia Carneiro. **Violência intrafamiliar contra o idoso: uma preocupação social e jurídica**. Ceará: Escola do Ministério Público do Estado do Ceará, 2011. Disponível em: <
http://www.mpce.mp.br/esmp/publicacoes/edi002_2011/artigos/04-Violencia.Intrafamiliar.Contra.o.Idoso.pdf >. Acesso em: 13 set. 2014.

GUEDES, Bruna dos Reis Monteiro. **Turismo e lazer na terceira idade uma interface possível**. Monografia (Graduação em Turismo) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. Disponível em:
<http://www.proac.uff.br/turismo/sites/default/files/BRUNA_DOS_REIS_MONTEIRO_GUEDES-tcc.pdf>. Acesso em: 23 set. 2014.

GUIMARÃES, Simone de Jesus; MIRANDA, Jakelinne Lopes de Souza; MACÊDO, Lívia Tâmara Alves de. **Violência contra o idoso: questão social a ser discutida**. Maranhão: Universidade Federal do Maranhão, 2007. Disponível em:
<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoF/52cce56baa935ab80c1cSimone_jakelinne_Livia.pdf>. Acesso em: 13 set. 2014.

IBGE. **Pesquisa de Orçamentos Familiares**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009_analise_consumo/pofanalise_2008_2009.pdf>. Acesso em: 18 set. 2014.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000012962305122013234016242127.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2014.

_____. **Síntese de Indicadores Sociais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicisociais2010/SIS_2010.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2014.

_____. **Síntese de Indicadores Sociais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em:

<ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2013/SIS_2013.pdf>. Acesso em: 18 set. 2014.

INTERNATIONAL, Euromonitor. Produtos funcionais mantêm idosos em forma e ativos. In: **Revista Bimestral Aditivos & Ingredientes**. Ed. N. 87. São Paulo: Editora Insumos LTDA, 2012. Disponível em: <http://www.insumos.com.br/aditivos_e_ingredientes/materias/374.pdf>. Acesso em: 06 set. 2014.

JANTSCH, Anelise et al. **As Redes Sociais e a Qualidade de Vida: os Idosos na Era Digital**. IEEE-RITA Vol. 7, Núm. 4, Nov. 2012. Disponível em: < <http://rita.det.uvigo.es/201211/uploads/IEEE-RITA.2012.V7.N4.A2.pdf> >. Acesso em: 07 jul. 2013.

KACHAR, Vitória. **Envelhecimento e perspectiva de inclusão digital**. São Paulo: Revista Kairós Gerontologia, 2010. Disponível em: < <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/5371>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papyrus, 2. Ed, 2007. Disponível em: < <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2008-2/2SF/Marcelo/Educa%E7%E3o%20e%20Tecnologias.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2014.

LOPES, Margarete Edul Prado de Souza. **A velhice no século XXI: a vida feliz e ainda ativa na melhor idade**. Revista Maringá: Periódicos Acta Scientiarum. Human and Social Sciences. V. 34, n. 1, 2012. Disponível em: < <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/16197/pdf>>. Acesso em: 23 set. 2014.

MANERICH, Daiane; SANDRI, Juliana Vieira de Araújo; KNOLL, Biaze Manger. **Psicologia e educação: Universidade da terceira idade: reflexões sobre preconceitos e projetos**. In: PLONER, KS., et al., (org.). **Ética e paradigmas na psicologia social**

[online Scielo]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em < <http://books.scielo.org/id/qfx4x/12> >. Acesso em: 12 jun. 2014.

MARINHO, Silene Chacra Carvalho e. **Educação para idosos**: um caminho para cidadania. Disponível em < http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/412.pdf >. Acesso em: 10 jun. 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos. Violência contra idosos: é possível prevenir. In: BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da Violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. Disponível em: < http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/impacto_violencia.pdf >. Acesso em: 13 set. 2014.

OLIVEIRA, Diego Antonio de. **Pressões e Resistência**: Mercado e identidade dos idosos a partir do consumo da e na Web. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero: Revista Eletrônica CoMtempo, 2013. Disponível em: < <http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/09/Diego-Antonio-de-Oliveira.pdf> >. Acesso em: 31 out. 2014.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para uma nova profissão**. In Pátio. Porto Alegre: Revista Pedagógica, nº 17, 2001. Disponível em: < http://www2.neaad.ufes.br/subsite/midiaseducacao/pdf/etapa2_as_novas_competencias.pdf >. Acesso em: 09 out. 2014.

SEBRAE. **Estudo de Comportamento de Consumo:** Segmento de Vestuário, Calçados e Acessórios. Projeto: Outsourcing de Inteligência Setorial do SEBRAE/PR, Unidade de Programas Estaduais, 2011. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12882764/estudo-de-comportamento-de-consumo-segmento-sebrae-pr>>. Acesso em: 05 set. 2014.

SIBILIA, Paula. **O corpo velho como uma imagem com falhas:** a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. São Paulo: Escola Superior de Propaganda e Marketing. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo. vol.9. n. 26, 2012. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/345>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. **Da velhice à terceira idade:** o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, jan.-mar. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v15n1/09.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2014.

UAMA, Site. **Universidade Aberta à Maturidade.** In: UEPB, Site. Disponível em: <<http://sites.uepb.edu.br/uama/>>. Acesso em: 03 out. 2014.

VALENTE, José Armando. **Aprendizagem continuada ao longo da vida:** o exemplo da terceira idade. São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.redadultosmaiores.com.ar/buscador/files/DESAR005.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2014.

APÊNDICES¹⁰

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ORIENTANDA: MORGANA NILDA DOS SANTOS SOARES

ORIENTADORA: Prof^a. Dra. ROBÉRIA NÁDIA ARAÚJO NASCIMENTO

Este instrumento de coleta de informações pertence à pesquisa de Conclusão de Curso intitulada: **NUNCA É TARDE PARA APRENDER: VIVÊNCIAS E INTERAÇÕES TECNOLÓGICAS DOS IDOSOS NO CONTEXTO DA UAMA/UEPB**. Agradecemos a sua participação, que é muito valiosa para a compreensão do contexto estudado.

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ESTUDANTES DA UAMA/UEPB

Nome: _____

Idade: _____

1- Por que optou por uma Universidade voltada para a Terceira Idade?

2- Aponte as contribuições da UAMA para sua *aprendizagem* e sua vida em sociedade.

¹⁰ Os termos de autorização foram scaneados.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ORIENTANDA: MORGANA NILDA DOS SANTOS SOARES

ORIENTADORA: Prof. Dra. ROBÉRIA NÁDIA ARAÚJO NASCIMENTO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE FALAS E IMAGENS

Este termo de autorização de entrevistas e imagens pertence à pesquisa de Conclusão de Curso intitulada: **NUNCA É TARDE PARA APRENDER: VIVÊNCIAS E INTERAÇÕES TECNOLÓGICAS DOS IDOSOS NO CONTEXTO DA UAMA/UEPB**. Agradecemos a sua concordância em participar do estudo.

Eu, Maria Egito Fernandes

aluna da UAMA, **AUTORIZO** as pesquisadoras acima mencionadas a utilizar minhas opiniões e minha imagem, através de entrevistas ou registros fotográficos, se assim for necessário, para fins acadêmicos. Assim, declaro que esses procedimentos não me causam constrangimento por compreender os objetivos do estudo. Nesses termos, **CONCORDO** em participar como respondente da pesquisa.

CAMPINA GRANDE, 12 de Setembro de 2014.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ORIENTANDA: MORGANA NILDA DOS SANTOS SOARES

ORIENTADORA: Prof. Dra. ROBÉRIA NÁDIA ARAÚJO NASCIMENTO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE FALAS E IMAGENS

Este termo de autorização de entrevistas e imagens pertence à pesquisa de Conclusão de Curso intitulada: **NUNCA É TARDE PARA APRENDER: VIVÊNCIAS E INTERAÇÕES TECNOLÓGICAS DOS IDOSOS NO CONTEXTO DA UAMA/UEPB**. Agradecemos a sua concordância em participar do estudo.

Eu, Aurea Veloso da Fonseca,
aluna da UAMA, **AUTORIZO** as pesquisadoras acima mencionadas a utilizar minhas opiniões e minha imagem, através de entrevistas ou registros fotográficos, se assim for necessário, para fins acadêmicos. Assim, declaro que esses procedimentos não me causam constrangimento por compreender os objetivos do estudo. Nesses termos, **CONCORDO** em participar como respondente da pesquisa.

CAMPINA GRANDE, 12 de Setembro de 2014.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ORIENTANDA: MORGANA NILDA DOS SANTOS SOARES

ORIENTADORA: Prof. Dra. ROBÉRIA NÁDIA ARAÚJO NASCIMENTO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE FALAS E IMAGENS

Este termo de autorização de entrevistas e imagens pertence à pesquisa de Conclusão de Curso intitulada: **NUNCA É TARDE PARA APRENDER: VIVÊNCIAS E INTERAÇÕES TECNOLÓGICAS DOS IDOSOS NO CONTEXTO DA UAMA/UEPB**. Agradecemos a sua concordância em participar do estudo.

Eu, Edneusa Assis Barros,
aluna da UAMA, **AUTORIZO** as pesquisadoras acima mencionadas a utilizar minhas opiniões e minha imagem, através de entrevistas ou registros fotográficos, se assim for necessário, para fins acadêmicos. Assim, declaro que esses procedimentos não me causam constrangimento por compreender os objetivos do estudo. Nesses termos, **CONCORDO** em participar como respondente da pesquisa.

CAMPINA GRANDE, 01 de 10 de 2014.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ORIENTANDA: MORGANA NILDA DOS SANTOS SOARES

ORIENTADORA: Prof.^a Dra. ROBÉRIA NÁDIA ARAÚJO NASCIMENTO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE FALAS E IMAGENS

Este termo de autorização de entrevistas e imagens pertence à pesquisa de Conclusão de Curso intitulada: **NUNCA É TARDE PARA APRENDER: VIVÊNCIAS E INTERAÇÕES TECNOLÓGICAS DOS IDOSOS NO CONTEXTO DA UAMA/UEPB**. Agradecemos a sua concordância em participar do estudo.

Eu, Josemilda Lourenço da Silva,
aluna da UAMA, **AUTORIZO** as pesquisadoras acima mencionadas a utilizar minhas opiniões e minha imagem, através de entrevistas ou registros fotográficos, se assim for necessário, para fins acadêmicos. Assim, declaro que esses procedimentos não me causam constrangimento por compreender os objetivos do estudo. Nesses termos, **CONCORDO** em participar como respondente da pesquisa.

CAMPINA GRANDE, 01 de 10 de 2014.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ORIENTANDA: MORGANA NILDA DOS SANTOS SOARES

ORIENTADORA: Prof. Dra. ROBÉRIA NÁDIA ARAÚJO NASCIMENTO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE FALAS E IMAGENS

Este termo de autorização de entrevistas e imagens pertence à pesquisa de Conclusão de Curso intitulada: **NUNCA É TARDE PARA APRENDER: VIVÊNCIAS E INTERAÇÕES TECNOLÓGICAS DOS IDOSOS NO CONTEXTO DA UAMA/UEPB**. Agradecemos a sua concordância em participar do estudo.

Eu, *Morgana Nilda dos Santos Soares*,
aluna da UAMA, **AUTORIZO** as pesquisadoras acima mencionadas a utilizar minhas opiniões e minha imagem, através de entrevistas ou registros fotográficos, se assim for necessário, para fins acadêmicos. Assim, declaro que esses procedimentos não me causam constrangimento por compreender os objetivos do estudo. Nesses termos, **CONCORDO** em participar como respondente da pesquisa.

CAMPINA GRANDE, 01 de Outubro de 2014.